

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

TATIANA CLEUDMAR SANTOS DE JESUS

OS TRÊS ESTÁGIOS DA EXISTÊNCIA E A BUSCA DE SENTIDO NA FILOSOFIA
DE KIERKEGAARD

SÃO LUÍS
2024

TATIANA CLEUDMAR SANTOS DE JESUS

**OS TRÊS ESTÁGIOS DA EXISTÊNCIA E A BUSCA DE SENTIDO NA FILOSOFIA
DE KIERKEGAARD**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Filosofia da Universidade Federal
do Maranhão, em cumprimento às exigências
para a conclusão do curso.

Orientação: Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira

SÃO LUÍS

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cleudmar Santos de Jesus, Tatiana.

OS TRÊS ESTÁGIOS DA EXISTÊNCIA E A BUSCA DE SENTIDO NA
FILOSOFIA DE KIERKEGAARD / Tatiana Cleudmar Santos de
Jesus. - 2024.

55 p.

Orientador(a): Rita de Cássia Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Estética. 2. Ética. 3. Religião. 4. Existência.
5. Kierkegaard. I. de Cássia Oliveira, Rita. II. Título.

TATIANA CLEUDMAR SANTOS DE JESUS

**OS TRÊS ESTÁGIOS DA EXISTÊNCIA E A BUSCA DE SENTIDO NA FILOSOFIA
DE KIERKEGAARD**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Filosofia da Universidade Federal
do Maranhão, em cumprimento às exigências
para a conclusão do curso.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Me. Marcos Antônio Macedo Muniz (Avaliador 2)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Marly Cutrim de Menezes (Avaliadora 3)
Universidade Federal do Maranhão

*Dedico este trabalho monográfico a Deus, pela
força necessária, iluminando -me diante dos
obstáculos da minha vida, dando-me paciência e
sabedoria para lidar com a angústia, o choro e as
incertezas, para seguir em frente e alcançar meus
objetivos nesse período universitário, fortalecendo
-me na busca e esforço, na superação, e
conduzindo -me a vitória final.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os amigos e amigas que estiveram comigo nessa jornada, pois sozinha não conseguiria. Cada amigo teve sua importância:

Lamartine Serra, grande amigo, onde tudo começou: incentivando-me a fazer o Enem e acreditando que eu passaria de primeira, e assim aconteceu, além de estar na torcida para que eu começasse logo a dar aula.

Lúcia Tereza, mãe amiga, que esteve sempre ao meu lado, presente na matrícula e, até os dias atuais, acompanhando cada detalhe dessa jornada, incentivando-me e não permitindo em nenhum momento que eu desistisse. Gratidão por estar sempre ao meu lado, oferecendo conselhos, incentivos e companhia nos momentos mais desafiadores.

João Pedro, meu filho adotivo, esse ser de luz que, com sua paciência, nunca negou ajuda em minhas pesquisas.

Ana Maria Ramos, que mesmo à distância, com seu carinho, ficou na torcida, vibrou, acreditando nessa formatura, e sempre perguntava a data para estar presente. Gratidão, amiga, você é a prova de que, para a amizade, não existem barreiras.

Romana Irene Victor, minha madrinha (in memoriam).

Aos meus amigos de turma (2016.2): Tatiele, Josenildo e João Marcelo.

Tatiele Efigênia, com quem fiz dupla para seminários, estágios e outras atividades.

Josenildo, pelas vezes que me enviou textos, tirou dúvidas e compartilhou links para as horas extras complementares.

João Marcelo, meu amigo que tantas vezes revisou textos antes do início de uma prova, me passando segurança, e sempre deu certo.

Jéssica Silva Ferreira, que, graças à sua dedicação e paciência em me ensinar lógica, me ajudou a obter êxito na aprovação, o que foi um sucesso.

Mário Bertony, amigo que sempre encontrava qualquer texto que eu precisava.

Raysa Campelo e Gregory, que vieram de outras turmas e fizeram morada na minha turma, e até hoje estamos na batalha; com muita luta, conseguimos chegar à conclusão deste curso.

A todos os professores e professoras, que foram mais que mestres e mestras, foram verdadeiros amigos e amigas: Prof^a Dr^a Rita de Cássia, minha orientadora;

professoras Malry Cutrim, Zilmara de Jesus e Maria Olilia; professores Hamilton Dutra, Marcos Muniz, José Fernandes e Helder Passos.

A cada um de vocês citados aqui, meu carinho e minha gratidão, pois só com a ajuda de vocês consegui chegar ao término desta etapa. Vocês foram e são a família UFMA que construí ao longo dessa jornada. A todos vocês, gratidão por todas as conversas, risadas e momentos de incentivo que compartilhamos.

E não podia deixar de agradecer à minha mãe biológica, dona Maria Bárbara, que sempre me apoiou, mesmo em seu silêncio.

Gratidão a Deus por mais esta jornada.

É dever do ser humano compreender que há coisas que ele não pode compreender.

Soren Kierkegaard.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo explicitar os estágios existenciais da filosofia de Søren Kierkegaard. O autor dinamarquês desenvolveu uma filosofia que se concentra na subjetividade do indivíduo e que tem como finalidade afastar o homem da multidão, retomando a maiêutica socrática para revelar as contradições, os dramas e os conflitos da existência. A oscilação do homem em busca de si mesmo e de um sentido para a própria vida, acaba motivando-o a mergulhar nas formas existenciais. Dessa maneira, a não realização do *eu* desperta Kierkegaard a situar o homem a partir de três possibilidades existenciais: o estágio *estético*, *ético* e *religioso*. Em virtude disso, ao retratar tais estágios, Kierkegaard faz uso da comunicação indireta. Os pseudônimos são como espelhos que caracterizam determinada realidade e recebem a designação de alegorias do homem em determinado tempo, de acordo com seu contexto. À vista disso, o presente trabalho será dividido em três momentos. No primeiro capítulo, abordaremos o estágio estético, onde discutiremos as implicações do indivíduo que é prisioneiro das vaidades geradas pela muitas escolhas disponíveis ao seu redor. Neste momento existencial, o sedutor Johannes fica preso ao que é imediato e efêmero, o que o leva ao desespero, pois não se baseia em atos de eternidade e nem se volta para a interioridade. No segundo capítulo, o foco será o estágio ético. Essa etapa existencial é marcada pela personificação da escolha de si mesmo e na adequação às leis e valores universais. Viver eticamente é escolher a si mesmo, cumprir deveres sociais, não fugir das responsabilidades e recusar prazeres imediatos. No entanto, a postura ética não permite a transcendência dos costumes e o indivíduo não pode reivindicar uma interioridade, pois responde aos ditames do universal. O desespero na moralidade surge das inúmeras obrigações e deveres que são impostas ao homem. Mas, para dar um salto existencial, é necessário que o sujeito se apegue à sua liberdade e escolha manter sua decisão na fé em direção a Deus. Por fim, no último capítulo, abordaremos o estágio religioso. Kierkegaard entende que apenas aceitando a Deus o homem alcança uma existência autêntica, realizando-se plenamente pela fé. Contudo, ao optar pela fé, o indivíduo se afasta da realidade concreta e busca confirmação na interioridade subjetiva, encontrando refúgio no divino. O exemplo desse estágio é ilustrado pelo dilema de Abraão: o ato de sacrificar seu filho Isaque para cumprir o dever divino é prova do propósito superior. Nesse sentido, veremos que, no estágio religioso, a vontade de Deus é soberana e exige renúncia. Dito isso, o estudo se configura como uma pesquisa qualitativa de revisão de literatura, fundamentada no procedimento técnico bibliográfico, utilizando alguns escritos de Kierkegaard, tais como: *Diário de um Sedutor*, *Temor e Tremor*, *O Desespero Humano*, *Ou/Ou: Um Fragmento de Vida*, *As Obras do Amor*, entre outros. Além disso, foram consultadas referências de especialistas que contribuíram para a compreensão do contexto histórico e para a análise conceitual do pensamento de Søren Kierkegaard, constituindo-se em fontes recorrentes ao longo da realização deste trabalho, como dissertações, teses e artigos científicos.

Palavras-chave: Estética; Ética; Religião; Existência; Kierkegaard.

ABSTRACT

This paper aims to elucidate the existential stages in the philosophy of Søren Kierkegaard. The Danish author developed a philosophy focused on the individual's subjectivity, with the goal of distancing man from the crowd by reviving the Socratic method to reveal the contradictions, dramas, and conflicts of existence. The oscillation of man in search of himself and a sense of meaning in life ultimately drives him to immerse himself in existential forms. In this way, the failure to realize the self prompts Kierkegaard to position man within three existential possibilities: the aesthetic, ethical, and religious stages. Consequently, in portraying these stages, Kierkegaard employs indirect communication. Pseudonyms act as mirrors that characterize a particular reality and are designated as allegories of man in a specific time, according to his context. In view of this, the present work will be divided into three parts. In the first chapter, we will address the aesthetic stage, where we will discuss the implications for the individual who is a prisoner of the vanities generated by the many choices available to him. In this existential moment, the seducer Johannes is trapped in what is immediate and ephemeral, leading him to despair, as his actions are not grounded in eternity nor directed toward interiority. In the second chapter, the focus will be on the ethical stage. This existential stage is marked by the personification of self-choice and adherence to universal laws and values. Living ethically means choosing oneself, fulfilling social duties, not avoiding responsibilities, and rejecting immediate pleasures. However, the ethical stance does not allow for the transcendence of customs, and the individual cannot claim an inner life, as he responds to the dictates of the universal. Despair in morality arises from the numerous obligations and duties imposed on man. Yet, to make an existential leap, it is necessary for the individual to cling to his freedom and choose to maintain his decision in faith toward God. Finally, in the last chapter, we will address the religious stage. Kierkegaard believes that only by accepting God can man achieve an authentic existence, fully realizing himself through faith. However, in choosing faith, the individual distances himself from concrete reality and seeks confirmation in subjective interiority, finding refuge in the divine. The example of this stage is illustrated by the dilemma of Abraham: the act of sacrificing his son Isaac to fulfill a divine duty is proof of a higher purpose. In this sense, we will see that in the religious stage, God's will is sovereign and demands renunciation. Given this, the study is configured as a qualitative literature review, based on the bibliographic technical procedure, utilizing several of Kierkegaard's writings, such as *The Seducer's Diary*, *Fear and Trembling*, *The Sickness Unto Death*, *Either/Or: A Fragment of Life*, *Works of Love*, among others. Additionally, references from specialists who contributed to understanding the historical context and conceptual analysis of Søren Kierkegaard's thought were consulted, serving as recurring sources throughout the development of this work, including dissertations, theses, and scientific articles.

Keywords: Aesthetic; Ethical; Religious; Existence; Kierkegaard.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O ESTÁGIO ESTÉTICO: a efemeridade do sedutor	14
2.1 A ruptura com o pensamento Hegeliano	14
2.2 O uso de pseudônimos na filosofia de existencialista de Kierkegaard	15
2.3 A existência estética	16
2.3.1 O desespero no estágio estético	20
3 O ESTÁGIO ÉTICO: o papel da moralidade e da lei universal na existência do homem	24
3.1 O caminho para estabilidade e segurança	24
3.2 Sócrates: o autoconhecimento como virtude	28
3.3 O matrimônio	29
4 O ESTÁGIO RELIGIOSO	34
4.1 O cavalheiro da fé: Abraão	34
4.2 O solidão e silêncio no modo de vida religioso	37
4.3 Amor, Deus e o outro	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo abordar os estágios existenciais da filosofia de Søren Kierkegaard. Nascido em Copenhague em 5 de maio de 1813, Kierkegaard desenvolveu uma filosofia que pensa o indivíduo em sua subjetividade. Ao contrário do que ocorria até então no século XIX, que direcionava atenção para a objetividade e sistemas racionalistas, o pensamento do autor dinamarquês estabelecia o objetivo de afastar o homem da multidão a partir de retomada da maiêutica socrática, pois visava mostrar as contradições, dramas e conflitos do existir. Ele acreditava que a existência não podia ser analisada cientificamente, já que a vida envolve personalidades, relações e contradições paradoxais, não se resumindo a conceitos ou definições.

A oscilação do homem em busca de si mesmo e de um sentido para a própria vida, acaba por o fazer mergulhar nas formas existenciais. O que implica em um constante movimento entre o que é *finito* e *infinito*, nesse sentido ocorre um conflito, o que leva o indivíduo ao desespero, pois a busca de si mesmo revela tensões entre os estágios da existência. Dessa forma, a não realização do *eu* motiva Kierkegaard a situar o homem a partir de três possibilidades existenciais: o estágio estético, ético e religioso. Em virtude disso, quando afirma que o indivíduo é a síntese entre o *finito* e o *infinito*, o filósofo dinamarquês almeja um equilíbrio, ou seja, a autenticidade do sujeito.

Justamente por isso, ao retratar os estágios existenciais, Kierkegaard faz uso da comunicação indireta. É uma forma de demonstrar a inadequação entre o que se vive na realidade exterior e o que existe no interior do indivíduo. Os pseudônimos, assim, são espelhos que caracterizam determinada realidade e, nesse sentido, também recebem a designação de alegorias do homem em determinado tempo, de acordo com seu contexto. No mais, os escritos de Kierkegaard podem ser classificados como retratos de suas inquietações pessoais. Para muitos comentadores, ele foi capaz de conciliar a vida com as obras que escreveu. Ou seja, os manuscritos do pensador podem ser identificados como descrições do modo de vida que ele viveu.

Dito isso, o presente trabalho será dividido em três momentos. No primeiro capítulo voltaremos nossa atenção para abordar o estágio estético. Nessa etapa, observaremos que o indivíduo singular deixa-se guiar pelos momentos aleatórios, ou

seja, é incapaz tomar decisões e de se comprometer. O esteta pauta sua vida no efêmero, é prisioneiro das vaidades proporcionadas pela muitas escolhas disponíveis ao seu redor. Sua consciência está sempre voltada para o exterior, contemplando o imaginário das possibilidades, sem reagir a nenhuma delas. Em outras palavras, veremos que ele não constrói uma identidade própria, mas se mantém sempre às custas da ilusão do outro. Assim, observaremos que o sedutor Johannes mantém Cordélia próxima, no entanto nunca realiza as promessas sentimentais feitas a ela, o seu interesse é preservar o afeto dela. Por conseguinte, observaremos que esse estado de não realização, de prisão do imediato, direciona o sedutor a uma condição de desespero, pois não se fundamenta em nenhum ato de eternidade e não se volta para a interioridade.

No segundo capítulo o foco será o estágio ético. Essa etapa existencial é marcada pela personificação da escolha de si mesmo e na adequação às leis e valores universais. Kierkegaard adverte que há um desespero no momento estético, pois o indivíduo se vê entregue aos desígnios do imediato e da superficialidade, o que demonstra o desnivelamento entre exterior e interior. Por isso, é necessário um salto existencial. Nesse sentido, viver eticamente é escolher a si mesmo e cumprir os deveres sociais. Ou seja, observaremos nesse momento existencial que o indivíduo cumpre suas responsabilidades, ele não foge de suas tarefas e recusa qualquer prazer imediato.

Em seguida, veremos que Kierkegaard apresenta Sócrates como exemplo de sujeito ético. Iremos observar que a razão disso se dá devido Kierkegaard entender que Sócrates submeteu sua individualidade à universalidade da lei. E para fundamentar os preceitos ora defendidos no estágio ético, intentaremos em mostrar como o matrimônio para Kierkegaard é uma representação do dever moral, é a realização do geral e do particular. E essa exemplificação matrimonial ocorre por meio do pseudônimo do juiz Wilhelm, homem de fé e que resguarda os valores do casamento. No entanto, a postura ética não permite uma transcendência dos costumes, uma vez estando na moralidade, o sujeito não pode reivindicar uma interioridade para si, pois responde aos ditames do universal. Sendo assim, buscaremos mostrar que o desespero na moralidade reside nas inúmeras obrigações e deveres a que o homem é submetido, e que, para dar um salto, é necessário apegar-se à sua liberdade e escolher manter sua decisão na fé em direção a Deus.

No terceiro capítulo, o foco será o estágio religioso. Nesta parte do trabalho, veremos que o sujeito ético não satisfaz os anseios do indivíduo religioso, pois o *eu* exige o *infinito*, e, para alcançá-lo, é preciso ultrapassar as fronteiras da razão e dar um salto em direção à fé. Kierkegaard entende que somente aceitando a Deus o homem pode alcançar uma existência autêntica, isto é, apenas pela fé o indivíduo pode se realizar plenamente. Todavia, ao optar pela fé, o homem aparta-se da realidade concreta e passa a buscar confirmação na interioridade subjetiva, encontrando refúgio no divino.

Em outras palavras, a fé vai além da racionalidade, exigindo um salto, onde o indivíduo se compromete com algo objetivamente paradoxal. Por conseguinte, voltaremos nossa atenção para abordar o dilema de Abraão. A ação de sacrificar o próprio filho, Isaque, para cumprir os deveres divino, é prova do propósito divino. O cavalheiro da fé segue as ordens de Deus, ignora as regras morais sociais e caminha em direção ao monte Moriá. No entanto, Deus intervém e impede tal ato, pois Abraão concretiza os desígnios da fé. Nesse sentido, veremos que, no estágio religioso, a vontade de Deus é soberana e que Abraão almejava o *infinito*, ou seja, uma completa renúncia da realidade.

Nessa esteira, destacaremos como o modo de vida religioso é acompanhado de um comportamento solitário e silencioso. Como veremos, a ato de Abraão realiza-se no silêncio, e é por meio dele que se comunica com o Absoluto, ou seja, com Deus. O ato de sacrificar o próprio filho é reprovável eticamente, por isso, é necessário que permaneça sozinho, com a convicção que a recompensa do *infinito* é maior do que os interesses do universal. O cavalheiro da fé justifica-se apenas com Deus e representa a busca pela interiorização do *eu*, isto é, pela autenticidade.

Por fim, focaremos em abordar a questão do amor, que é ligada a Deus e ao apeço ao próximo. Desse modo, salientaremos que Kierkegaard compreende o amor como um fundamento edificante da vida espiritual. Por conseguinte, observaremos que o filósofo dinamarquês propõe uma ética cristã do amor, que é baseada na subjetividade e no dever de amar o próximo. Ele acreditava que Deus é o responsável por implantar tal sentimento nos homens e que, quando há doação de si ao outro, a partir do uso da liberdade, ocorre uma manifestação fraterna do divino. Por fim, veremos que Kierkegaard conclui que amar verdadeiramente consiste em contribuir para que o outro ame a Deus, ou seja, observa-se na filosofia do autor um sentido de alteridade.

Em virtude disso, este trabalho justificar-se-á pela necessidade de compreender a subjetividade do indivíduo no pensamento filosófico de Kierkegaard. Pois, como veremos, o vir a ser como possibilidade concretiza-se mediante as escolhas que o sujeito faz, isto é, a existência humana acontece nas transitoriedades da história. Assim, cada indivíduo é reconhecido em sua singularidade humana e complexa. A existência deve ser compreendida como uma ação interior da nossa liberdade, distante da razão pura praticada até então na tradição filosófica. Dessa forma, tal tarefa implica entender os estágios existenciais propostos por Kierkegaard.

Considerando o exposto, o presente trabalho se inscreve como uma pesquisa qualitativa e de revisão de literatura, fundamentada através do procedimento técnico bibliográfico de alguns escritos de Kierkegaard, a saber: *Diário de um sedutor*, *Temor e tremor*, *O desespero humano*, *Ou ou: um fragmento de vida*, *As obras do amor*, entre outros. Além disso, foram consultadas referências de especialistas que auxiliaram na compreensão do contexto histórico e na análise conceitual do pensamento de Søren Kierkegaard, servindo como fontes recorrentes ao longo da realização deste trabalho, incluindo dissertações, teses e artigos científicos.

2 O ESTÁGIO ESTÉTICO: a efemeridade do sedutor

2.1 A ruptura com o pensamento Hegeliano

A filosofia de Søren Kierkegaard é caracterizada por ser existencial. Inserido em um contexto que privilegiava os sistemas racionalistas, o filósofo dinamarquês construiu sua filosofia vislumbrando rebater tal tendência, especialmente do pensamento hegeliano. Para ele, Hegel tratava a história como desenvolvimento visível de uma lógica, subordinando a experiência individual da vida humana à vida própria das ideias. Kierkegaard era contrário ao sistema hegeliano justamente porque entendia que a existência humana não podia ser reduzida em puros conceitos racionais.

Kierkegaard defendia que as escolhas que o homem faz são mais importantes que qualquer esquema racional. Ele não estava interessado em produzir uma filosofia sistemática, o seu interesse girava em torno da existência e das escolhas que o indivíduo fazia segundo o próprio querer. Nesse sentido, a responsabilidade pelas consequências das escolhas recai sobre o indivíduo, isto é, ao optar por um caminho o sujeito deve estar consciente do que lhe aguarda. A filosofia kierkegaardiana entende que a existência se traduz em um devir dialético entre opostos. Porém, é preciso ressaltar que, uma vez dentro dessa dialética, as contradições não são resolvidas, o que leva o indivíduo à angústia e, conseqüentemente, a um entendimento paradoxal da realidade.

A subordinação ao universal, defendida por Hegel, suprimiu a individualidade do existir. Para Kierkegaard, o particular é o que guia a filosofia. A razão não abarca a realidade concreta e, devido a isso, a abstração não é levada em consideração, o que para o filósofo dinamarquês impossibilita o devir dialético. Portanto, a medida da realidade consiste no seguinte: “O Indivíduo: eis a categoria pela qual devem passar, sob o ponto de vista religioso, a época, a história, a humanidade” (Kierkegaard, 1986, p. 109). A realidade não é constituída arbitrariamente por nenhum sistema filosófico, ela é determinada por Deus, apenas Ele a conhece completamente. O indivíduo, embora seja tema central na filosofia kierkegaardiana, não consegue assimilar o todo da existência.

A noção de escolha é ponto fundamental da filosofia de Kierkegaard. Justamente por isso acentua a crítica a Hegel, pois compreendia que a existência humana não se desenvolve logicamente no interior de mediações lógicas e enfatizava

que tal entendimento implicava em uma tentativa de manipular fatos da realidade. A existência está fora do alcance de qualquer conceito, o indivíduo é pura subjetividade e não depende de uma leitura prévia arquitetada por alguma metafísica.

A filosofia existencial kierkegaardiana estabelece uma essência subjetiva, pondo a liberdade de escolha como fator central na vida do indivíduo. A subjetividade está relacionada com as possibilidades que vão aparecendo no decorrer da vida, Kierkegaard entendia que a existência não pode ser analisada pelo ponto de vista científico, pois o existir não se esgota em definições e demonstrações e é com base nas diferentes perspectivas que o sujeito vive os estágios existenciais.

Ou seja, os estágios demonstrados pelo filósofo dinamarquês compreendem uma visão particular sem pretensões universais, dizem respeito ao modo de vida subjetivo de cada indivíduo. As mudanças que ocorrem na vida do homem não são ocasionais, a aceitação dos fatos é o que abre possibilidades para ele, a mudança advém da liberdade de escolha do indivíduo.

2.2 O uso de pseudônimos na filosofia de existencialista de Kierkegaard

Acentuado o aspecto existencial da escolha, é importante destacar que Kierkegaard aponta a existência humana dividida em três estágios: o *estético*, o *ético* e o *religioso*. Para exemplificar cada estágio, o autor dinamarquês fez uso de um discurso indireto, em cada etapa utilizou *pseudônimos*. Os personagens criados por Kierkegaard são caracterizados como um espelho da realidade, todos têm a função de retratar o homem do seu tempo, que é um escravo do existir irreflexivo, ou seja, que preferem ser espectadores da própria vida ao invés de serem responsáveis por elas.

A questão da pseudonímia é uma estratégia de comunicação indireta usada por Kierkegaard. É um disfarce irônico usado pelo autor dinamarquês para representar a singularidade do existir: “Os diversos pseudônimos adquirem caráter ficcional e fazem com que o interlocutor se sinta atraído pela imagem refletida através do espelho” (Nogueira, 2014, p. 19). É um discurso retórico, que é caracterizado por se dizer o contrário que se pensa (Kierkegaard, 1991). No primeiro estágio, o estético, ele utiliza o personagem Johannes, cuja missão é seduzir a jovem Cordélia. A intenção do autor era mostrar como uma vida voltada para o prazer sensual era considerada vazia de significado. É uma estratégia discursiva para fazer com que o leitor reflita e se

autoavaliação, uma possibilidade de descartar a superficialidade de uma vida pautada para a sedução .

[...] na obra *Diário de um Sedutor*, os pseudônimos, através das estratégias utilizadas, convidam o leitor/ouvinte a refletir sobre as diversas situações propostas pelo esteta Johannes que, concomitantemente, é pseudônimo e autor da obra. Assim sendo, Johannes, posicionado diante das muitas situações experienciadas pela reduplicação dos personagens e das diversas possibilidades que a leitura permite, convida o ouvinte a enxergar além das aparências estéticas, mergulhando na profundidade da alma na tentativa de decifrar o seu próprio jogo (Nogueira, 2014, p. 21, grifo nosso).

Nesse sentido, os pseudônimos para Kierkegaard não podem ser reduzidos apenas a meros personagens, isto é, eles são como *personas* que encontram nos personagens do filósofo dinamarquês, meios de expressar seu modo de existir (Cruz, 126). Por conseguinte, o leitor de suas obras será confrontado com formas de existência que se desenrolam sob seus olhos (Grammont, 2003). Almeida e Valls (2007) destacam que, para Kierkegaard, a pseudonímia tem a função de despertar os homens, torná-los atentos. É, ainda, uma forma de representar a existência, pois cada personagem tem a capacidade de oferecer ao leitor a possibilidade de olhar no espelho e confrontar-se consigo mesmo. Portanto, o discurso indireto é uma maneira de demonstrar a complexidade específica ao ser humano, e Kierkegaard acreditava que a existência individual conflitava diretamente com a frieza racionalista.

2.3 A existência estética

O estágio estético, conforme apresentado no livro *Diário de um sedutor* (1843), é personificado pelo personagem Johannes, o sedutor. Para Kierkegaard, esse estágio é marcado pelo isolamento do eu, já que o esteta é escravo do imediato e não adere conscientemente a um ideal (Sales, 2012). O esteta é considerado como alguém que se deixa guiar pelos momentos aleatórios, sendo incapaz de se comprometer e assumir responsabilidades.

Tudo que é pautado em sua vida é efêmero, ele é refém das vaidades e não tem controle da própria existência. O esteta é atraído pelos apetites sensuais, se apegando ao que é superficial e finito (Santos, 2017). Johannes quer ser amado, o que importa para si são os prazeres e a intensidade destes: “Eu sou um esteta, um erótico, que apreendeu a natureza do amor [...] e apenas me reservo a opinião muito pessoal de que uma aventura galante só dura, quando muito, seis meses” (Kierkegaard, 1979,

p. 103). Ou seja, o sedutor deseja ser amado, mas não sustenta as consequências desse amor por muito tempo pois foge das responsabilidades que tal sentimento carrega.

Quando imergimos no enredo do livro, percebemos que o prazer de Johannes era direcionado à forma como seduzia Cordélia, e não necessariamente a ela mesma. O último passo em direção à posse do amor Cordélia era evitado, o que o fazia acreditar ser um fator dramático: “Aconteça o que acontecer, não poderei manter-me durante muito tempo como simples espectador, sob pena de deixar escapar-se o instante decisivo” (Kierkegaard, 1979, p. 100). No entanto, essa é uma forma irônica de Johannes se posicionar, pois dissimula compromisso com a suposta amada quando na verdade finge uma falsa entrega. Ele se mantém distante e alheio, mas mantém o jogo de sedução (Nogueira, 2014).

Kierkegaard acreditava que a existência é um contínuo devir, entretanto, a esfera estética é marcada pela prisão do indivíduo nesse vir a ser, isto é, ele é imobilizado no imediato. O homem entrega-se aos prazeres e sensações que a vida oferece, tudo é limitado a “instantes”, e as possibilidades que vislumbra nunca são realizadas, pois nenhuma delas se concretiza e se tornam realidade (Sampaio, 2010). Para Johannes, o imediato é sua fonte de prazer. Seu interesse gira em torno das sensações que desperta em Cordélia, mas não ao ponto de manter qualquer compromisso:

Não lamento o tempo que perco com Cordélia, se bem que seja bastante. Qualquer encontro requer, a maior parte das vezes, longos preparativos. Vivo com ela o nascer do seu amor. A minha presença é quase invisível, embora eu esteja visivelmente sentado junto dela. Uma dança que deveria realmente ser dançada por dois mas afinal o é apenas por um, eis a imagem que representa bem a minha relação com ela. Porque sou o segundo dançarino, mas invisível (Kierkegaard, 1979, p. 117).

Segundo pontua Grammont (2003, p. 35), “O prazer da conquista é tão mais intenso do que a posse, que o sedutor se aborrece profundamente quando consegue ligar-se à Cordélia por um laço legítimo: o noivado”. Mas Johannes não está interessado nessa responsabilidade. O instante Ihe é sedutor porque o livra de qualquer compromisso. Justamente por isso rompe o noivado com Cordélia, sem, no entanto, mantê-la distante, pois o papel de espectador Ihe é caro. Além do mais, o perfil de Cordélia parece ser propositalmente elaborado por Kierkegaard para

demonstrar como o sedutor se esvai quando exerce controle emocional sobre outra pessoa.

A linguagem poética de Johannes não só seduz Cordélia, mas a faz romper o noivado com o amante. O sedutor entra em sua vida para jogar com as suas vulnerabilidades. Sabe-se que o sedutor busca o prazer como sentido de vida, ele provoca o amor que não se satisfaz apenas com a posse. Sua intenção é habitar a mente alheia, tomar sua liberdade (Rezende, 2012). Uma vez presente na vida de Cordélia, Johannes não joga apenas no campo físico. Ele usa de estratégias de sedução para habitar o imaginário e a memória da bela jovem.

No tocante a isso, não se trata da história romântica entre Johannes, o sedutor e Cordélia, a jovem seduzida, mas é precisamente o 'método' da sedução. Johannes se concentra em si mesmo, Cordélia é apenas o alvo de sua conquista. O que é colocado em evidência é a conquista (Sampaio, 2010, p. 60).

A bela aparência e a ignorância em face do mundo e de si mesma, torna Cordélia uma presa adequada para a aplicação do "método" do sedutor. Ao ocupar espaço no imaginário e na memória da jovem, Johannes atua como um coautor da existência de sua vítima, pois ao induzi-la a manter-se no seu jogo de sedução, sob promessa de garantir mais liberdade para experimentar possíveis sentimentos e desejos, Cordélia acaba por si mesma escolhendo ser seduzida (Nogueira, 2014).

Cordélia é vítima do instante que prende Johannes. O modo de vida estético é um universo de possibilidades que nunca se tornam reais. Esse estágio gira em torno do prazer hedonista e o personagem Johannes reflete esse comportamento quando concentra-se nos prazeres e no jogo que envolve a sedução, é um escravo dos próprios desejos e ânimo (Sampaio, 2010). O sedutor não se compromete com nada definitivo ou permanente, sendo submetido à contingências, mais que isso, o estágio estético é uma reflexão sobre a irreflexão, pois a vontade é guiada pela vontade, levando o indivíduo à infelicidade (Oliveira, 2003).

Uma vez estando preso ao imediato, o sedutor cria pra si uma própria realidade para se afastar das responsabilidades e compromissos, como é retratado na seguinte passagem: "É por isso que todas minhas aventuras de amor têm sempre uma realidade para mim próprio" (Kierkegaard, 1979, p. 78). Ou seja, ele apenas concentra-se em si mesmo, Cordélia é apenas um alvo a ser seduzido, um meio para Johannes praticar sua arte de sedução.

O que percebemos muito claramente é que no modo de vida estético há uma necessidade constante de fuga de si mesmo. O esteta não está preparado para ver a si mesmo em profundidade e por isso recorre ao que é mais fácil, menos trabalhoso, que é viver personagens fictícios, sendo superficial em tudo o que faz. A busca incessante de seus desejos produz um estado vicioso, que o deixa preso neste modo de vida (Dacoregio, 2007, p. 37).

Decerto, isso significa que o instante seja viver o ciclo de sedução de diversas maneiras: “Don Juan as seduz e as abandona, mas todo seu prazer reside em as seduzir e não as em abandonar; não se trata pois, de algum modo, dessa crueldade abstrata” (Kierkegaard, 1979, 174). O sedutor constrói ao redor de si uma proteção que é seu personagem, entretanto continua numa relação superficial, pois nunca entrega-se objetivamente (Dacoregio, 2007). Além do mais, é preciso ressaltar que:

O sedutor é um indivíduo que escolhe mergulhar no jogo da paixão, vivenciando as contradições da existência amorosa. Como finalidade de vida, ele opta pelo prazer, gozando pessoalmente a estética; e também gozando esteticamente a sua própria personalidade. Assim, ele sugere um engajamento de si mesmo para configurar a entrega do outro, mesmo tendo consciência de que esse entusiasmo o levará a caminhos de difícil escolha (Nogueira, 2014, p. 29).

Johannes não tem consciência do eterno, seu tempo é fugaz e o sentido de sua existência é passageiro. Em virtude disso, Kierkegaard aponta que o sedutor procura pelo o que é eterno, isto é, nem o mundo inteiro pode satisfazer a alma de um homem que tem o desejo e a necessidade do eterno (Almeida; Valls, 2007). Sendo assim, o instante é o reflexo da eternidade no tempo, mas acaba por se perder nos sucessivos momentos efêmeros (Oliveira, 2003).

Em suma, a via estética é um caminho de atitudes imediatas, que enlaçam o indivíduo e o fazem fugir de sua interioridade. Logo, para o filósofo dinamarquês, o esteta é retratado da seguinte maneira:

E então esqueço tudo, não tenho projetos, não faço cálculo algum, lanço a razão pela borda fora, dilato e fortifico o meu coração com profundos suspiros, exercício que me é necessário para não ser constrangido pelo que, na minha conduta, existe de sistemático. Outros serão virtuosos durante o dia e pecadores à noite; eu sou pura dissimulação de dia, e à noite, apenas desejos. Ah! Se ela pudesse penetrar na minha alma — se! (Kierkegaard, 1979, p. 85).

A estética é o que provoca o interesse e o que o mantém. É o que engloba o conjunto de atividades e de ações de interesse do homem, descreve o que esse indivíduo é de forma mais imediata, clara e sensível do ponto de vista mais aparente

possível da vida cotidiana. O sedutor, no *Diário de um sedutor*, representado por Johannes, cerca sua amada espreitando seus movimentos, com seu espírito cativante e áspero tenta seduzi-la, sem exatamente dar a ela a esperança de ficarem juntos.

O sedutor é o exemplo do homem que detesta constância, justamente por isso a vida ética ou religiosa lhe é tão fatigante, ele prefere a vida dos prazeres, almeja sempre seduzir sem se apegar. O indivíduo nessa etapa existencial se apega ao que é externo, ele é passivo e carente de liberdade, e vive uma vida sem significados e que o leva ao *desespero*. Ao se entregar ao fatalismo do amante, ele se exime da responsabilidade inerente à própria vida e renúncia à liberdade, vira um brinquedo nas mãos do destino.

2.3.1 O desespero no estágio estético

O sedutor se percebe como pura possibilidade de escolha, ele se vê imerso em uma série de caminhos que exigem dele maior responsabilidade. Consequentemente, sendo obrigado a tomar um desses caminhos, sente-se angustiado e aflito. A sua insatisfação com os prazeres, a eterna busca em suprir desejos e paixões, o distancia da capacidade de realização. Em outras palavras, o esteta quer apenas plantar a direção do seu prazer, o seu interesse gira em torno do especulativo, almeja o *infinito*, mas é escravo do desejo *finito*. Mergulhado em inúmeras possibilidades, o esteta se desespera, pois escolher um caminho significa abdicar de tantos outros, a indefinição o atrai. Além do mais, é importante pontuar que:

O esteta, personificado pelo sedutor, vive no mundo dos sentidos e é um escravo das suas próprias paixões e concupiscências; busca viver uma vida sem sofrimento nem compromisso, procurando extrair da existência o maior prazer que lhe for possível. O bom para ele é aquilo que é belo e que satisfaz. No estágio estético o homem vive na busca da beleza, do prazer e da felicidade, daquilo que o hoje pode lhe oferecer, sem a preocupação com os valores morais (Oliveira, 2003, p. 63).

Kierkegaard ilustra esse entendimento na seguinte passagem: “[...] sei também que o supremo prazer imaginável é ser amado, ser amado acima de tudo. Introduzir-se como um sonho na imaginação de uma jovem é uma arte, sair dela, uma obra-prima. Mas esta depende essencialmente daquela” (Kierkegaard, 1979, p. 103). Johannes quer uma vida livre de compromissos, os momentos são mais importantes que qualquer plano de vida a longo prazo, é uma busca insaciável por prazer. Nesse sentido, estando cego na busca incessante por desejos efêmeros, o esteta se vê

desesperado. Não podendo alcançar o *infinito*, sente infelicidade e desespero por buscar o que é inalcançável.

Se compreendermos essas coisas, veremos a inadequação última da existência estética. Quando um indivíduo que vive a vida estética reflete sobre sua existência, logo percebe que lhe faltam certeza e significado. Tal percepção frequentemente leva ao desespero (Strathern, 1999, p. 28).

Dessa maneira, o desespero contribui para que a vida do esteta seja marcada por um vazio interior, caracterizada como desordenada, superficial e inconsistente (Giordani, 1997). Ou seja, seu prazer nunca será completo e ele não se realiza como ser humano, sendo levado ao desespero de não se satisfazer com nada. Sem conseguir compreender a própria existência, entrega-se a uma ilusão que criou para si e para os outros (Dacoregio, 2007). Não obstante, Kierkegaard (1979, p. 329), afirma:

[...] e poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja isento de desespero, que não tenha no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de uma eventualidade exterior ou receio de si próprio.

O desespero é um indício que o esteta não foi capaz de dar sentido à própria vida. A aflição do esteta está em saber que tudo o que ele vive é mentira, ele conviverá com uma desordem de si mesmo, sancionado por um desespero e de escolhas que o levarão a uma confusão mental diante de uma profunda dor existencial (Nogueira, 2014). Sendo uma caçador voraz de sensações, vive em desespero pelas escolhas que faz. O fatalismo do sedutor tem um preço, a saber:

Ao aceitá-lo renunciamos a algo vital, algo central à própria noção da nossa existência. Renunciamos inclusive à possibilidade da liberdade. Ao aceitar que estamos 'fadados', rejeitamos a responsabilidade por nosso próprio destino individual. Não somos responsáveis por nossas vidas; somos meros joguetes nas mãos do destino. Como somos, como vivemos, não é creditado a nós, não é culpa nossa (Strathern, 1999, p. 28).

O esteta busca na experiência do existir o devir, pois reconhece que, diante das diversas posições assumidas pela escolha, o desespero proporciona um desequilíbrio no seu comportamento (Nogueira, 2014). Além disso, na inconsciência do eu, o indivíduo deixa prevalecer o sensível, isto é, ele está envolto apenas na categoria estética, se apegando aos prazeres que a finitude propõe e ignora o que é eterno em si (Santos, 2021).

Há um paralelo entre a imagem kierkegaardiana para identificar o esteta como o 'homem carnal', ou seja, aquele que vive preso ao finito como se não houvesse o Infinito, feito escravo do agora e ignorante quanto à eternidade. O esteta é o sujeito pronto a satisfazer aos desejos carnis, inconsciente da sua origem (e, necessidade de volta à sua fonte) espiritual (Cruz, 2021, p. 132).

Para Kierkegaard, nenhum homem está isento do desespero, é algo inerente à condição humana. Percebe-se, nesse sentido, que no estágio estético o homem ainda não se conscientizou do seu verdadeiro eu, por isso Johannes vive preso à imediatidade e à materialidade: “O estágio estético deixa a pessoa em um beco sem saída, condena-a ao desespero [...] O esteta não pode conhecer a esperança e perde o sentido da vida. Por isso se vê condenado ao tédio, esta ‘eternidade sem gozo’ (Farago, 2006, p. 122-123).

O esteta almeja algo mais, que o permita amadurecer e o liberte do desejo constante. Em suma, a personalidade do sedutor nesse estágio é admirada esteticamente de forma egoísta, a realidade, segundo Kierkegaard assevera, não era para o esteta conhecida pois sempre se considerava acima dela, e, justamente por isso, o mal o rodeava. Conhecê-la o desestimulava e o enfraquecia gerando uma doença de consciência.

Segundo Ericksen (2019, p. 10), “O esteta se guia pelo prazer gerado pelos interesses, sem se importar, atentamente, com as consequências dos seus prazeres, daí o indivíduo ‘deixar-se levar’ pelas contingências da vida”. Dessa forma, o desespero no estágio estético deve-se à instabilidade e incerteza da existência, que é feita de muitas possibilidades. Por conseguinte, surge um sentimento de deslocamento, a necessidade de realização, o efêmero e o fugaz desestabiliza o esteta.

O esteta passa a refletir sobre ele mesmo, sobre seu contexto e situação. A partir disso, compreende que pode estabelecer conexões sólidas não só com os outros, com o mundo, mas consigo mesmo. O indivíduo se distancia do estético, da imediatidade e finitude, e passa a ser consciente de si mesmo (Ericksen, 2019). Uma vez insatisfeito com a própria existência, ele busca algo mais elevado onde possa enriquecer sua vida. Pelo ato da vontade, ou seja, pelo desespero, tendo em vista que esse estágio é desprovido de sentido, faz com que o indivíduo almeje uma liberdade responsável.

Portanto, a solução para a superação do estágio estético, é o homem se orientar para uma liberdade responsável, porque, embora no estágio estético não estejam presentes as distinções éticas e o indivíduo viva na fruição de uma existência livre, tal liberdade transforma-se finalmente numa escravidão ao sensível e ao imediato (Oliveira, 2003, p. 64).

Nesse sentido, o esteta caminha para o estágio ético. O indivíduo no estágio estético tem seu centro fora de si, vive do instante imediato. Já o sujeito que está no momento ético tem o centro em si mesmo, isto é, na lei moral dentro de si, o que o leva a ser fiel a si mesmo e aos seus princípios morais. O sentimento de inadequação do esteta é uma fuga da sua própria finitude, no desespero profundo o sujeito tomará consciência necessária para abandonar a atitude de espectador da realidade (Oliveira, 2003). Somente assim, perceberá que a vida é muito mais que um jogo de sedução. Sendo guiado pelos prazeres, ele não se realiza como ser humano, além do mais: “[...] este sentimento é um exemplo de como o modo de vida estético conduz ao desespero, pois é busca de novidades que nunca satisfazem” (Dacoregio, 2007, p. 32). Além disso, é importante reiterar que:

O esteta é levado pelo sentimento e não aceita a realidade como ela é. Ele busca penetrar a realidade através do sentimento, mas os limites da sua atitude mostram ser impossível esta tarefa. Liga-se somente ao que é belo e vive para o instante tendo o prazer como última meta de vida. E acaba sofrendo porque a vida é breve diante de seus desejos infinitos que nunca conseguirá satisfazer. Tudo o que tiver será sempre pouco para ele, de modo que ele se encontra num estado sempre insatisfeito; e sua vida conduz-se na imoralidade, pois o esteta ainda não é capaz de amar o outro, no sentido de que o que ele oferece ao outro não é algo verdadeiro (e é característica da moralidade, considerar o outro) (Dacoregio, 2007, p. 33).

Tendo isso em vista, é necessário um salto em direção ao estágio ético. Essa forma existencial da vida humana é caracterizada pela escolha a si mesmo e pela adequação do homem à lei e aos valores universais (Ericksen, 2019). Em virtude disso, o esteta precisa de algo sólido que o permita amadurecer. Surge uma vontade de estabelecer uma vida diferente, que proporcione a ele que reflita sobre si e sua situação. O indivíduo não quer se encontrar mais submetido às mudanças das condições externas e dos estados de ânimos internos que o condenam ao fracasso. O salto é qualitativo e o homem acaba por escolher a si mesmo ao invés da infinitas possibilidades não concretizadas. Portanto, ao estar condicionado a preceitos realizáveis, o homem escolhe caminhos e os deveres que deles emanam. E isso somente será possível no estágio ético, que será abordado no próximo capítulo.

3 O ESTÁGIO ÉTICO: o papel da moralidade e da lei universal na existência do homem

3.1 O caminho para estabilidade e segurança

O estágio ético é motivado pela necessidade de suprir o vazio deixado pela existência estética, o indivíduo busca por estabilidade e segurança. Nesse estágio, as vontades são dominadas, o homem busca uma harmonia entre o seu interior e o mundo externo dentro da formalidade. A ética para Kierkegaard funciona em seu caráter de universalidade e fundamenta a personalidade. É um estágio disciplinador e, ao mesmo tempo, uma busca para conhecer a si mesmo. Ao contrário do esteta que se guia pelo prazer gerado pelos seus interesses, o indivíduo ético é aquele que escolhe a si mesmo, ele se adequa às leis e valores universais. O caminho formal, nesse sentido, representa a adequação à valores sociais, porém de forma consciente e decidida.

No estágio ético a vontade do indivíduo prevalece sobre seus desejos e por obstinação em melhorar a si mesmo. Quando dá esse salto, o que ele pretende é viver uma vida mais elevada e responder moralmente a um conjunto de padrões éticos. O indivíduo no estágio estético almeja constantemente o prazer e como consequência desse comportamento acaba por experimentar o vazio e o tédio que esta vida proporciona (Sampaio, 2010). Ele é dominado pela angústia, pois está preso no mundo das possibilidades.

Nesse sentido, surge o sentimento de inadequação diante do mundo. O incerto e a instabilidade geram a angústia. A dimensão estética dissipa a existência, pois encaminha o homem a sair sempre fora de si (Rezende, 2012). Além disso, no esteta existe uma potência sufocada, mas seu *eu* está preso ao imediato, é inconsciente de si e de seus desejos. Ele quer o infinito, mas o desejo o leva ao vazio existencial e ao desespero. Ademais, compreende-se que:

A inadequação do ponto de vista estético é fundamental. Porque ele se apoia no mundo externo. Ele 'espera tudo de fora'. Dessa forma, é passivo e carente de liberdade. Apoia-se em coisas que estão, em última instância, além do controle da sua vontade — como o poder, as posses ou mesmo a amizade. É contingente, dependente do 'acidental'. Não há nada 'necessário' nele (Strathern, 1999, p. 27-28).

Por outro lado, o sujeito ético objetiva conhecer a si mesmo e transformar-se em algo melhor. Ou seja, ao preocupar-se com o mundo interior, ele pretende ter uma

vida mais elevada no que concerne a um conjunto de padrões éticos. Nesse estágio, a realidade é medida pelo interior do indivíduo, na lei moral dentro de si, ele é fiel a si mesmo e se sustenta no dever (Oliveira, 2003). Nesse sentido, Erickson (2019) acredita que, nesse estágio, a vida pode ser valorizada segundo os preceitos de bom e mau. Isso ocorre porque, na dimensão ética, o homem desapega-se da contingência e, por conseguinte, estabiliza-se no reino das categorias fundamentais do dever e na sua adequação à lei e valores universais.

Além disso, é preciso destacar que o sujeito ético é aquele que é devoto à família e ao trabalho. Estando adequado à lei e valores universais, suas decisões são tomadas de modo consistente com os padrões morais. Em outras palavras, diferentemente do esteta, o sujeito ético escolhe realizar suas possibilidades. À vista disso, pode-se compreender que: “A existência ética evidencia como principal característica a ‘escolha’ que o indivíduo faz de si próprio em sua validade eterna” (Sampaio, 2010, p. 67-68). Isto é, a vida é o que dá dignidade ao homem, uma vez que essa escolha é chave para sua liberdade e também uma oportunidade de descobrir uma riqueza infinita que existe em si.

Segundo Dacoregio (2007), este estágio é marcado pelo interesse do homem em entregar-se ao convívio social e obedecer às regras. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que o que é eticamente relevante, restringe-se a poucas possibilidades de escolhas para o homem, ou seja, ele escolhe lidar com as consequências da sua decisões.

Com a força que a escolha exerce eticamente na vida, o indivíduo está em busca de adequação entre o interior e o exterior. É uma forma desse indivíduo de se livrar da angústia solitária da interioridade, que se expressa de alguma maneira no exterior (França; Silva, 2014). Segundo Dacoregio (2007, p. 44), “No ser existe o conflito entre desejo e dever e quando se faz a escolha pelo modo ético, abre-se mão do desejo, cedendo a uma série de obrigações que nos são impostas na esfera ética”. Em outras palavras, as escolhas do homem ético visam o futuro e objetivam conciliar sua vida com regras morais e sociais. Conforme aponta Marilena Chauí (1979, p. 8):

[...] aquele que se encontra no estágio ético, a coisa mais importante não é saber se ele é capaz de contar nos dedos todos os deveres mas se sentiu, alguma vez, a intensidade do dever, de tal modo que sua consciência esteja plenamente garantida da eterna validade de seu ser.

Nesse sentido, a compreensão geral desse estágio é de que a liberdade gira em torno da escolhas do sujeito. Essa liberdade se refere ao indivíduo moral, que é capaz de decidir a conduta apropriada em relação a si próprio e aos outros (Sampaio, 2010). À vista disso, o ético faz a liberdade triunfar na medida em que cumpre seus deveres e realiza o geral, ou seja, quando passa a ser devoto do regramento social (Santos, 2017). Com efeito, pode-se afirmar que o sujeito ético visa um *eu* ideal, pois nessa dimensão o que predomina é o dever a obediência, o que culmina na liberdade e estabilidade.

Além do mais, o sujeito ético “é responsável, mas não pode esquivar-se do universal, ou seja, da forma de existência que a sociedade lhe impõe. Nesse estágio, o Indivíduo se realiza como personalidade individual, mas pertencente ao geral histórico e social” (Oliveira, 2003, p. 68). Para o filósofo dinamarquês, a moralidade está no geral, o *eu* que o indivíduo procura se efetivar é um *eu* social, ele se distancia de abstrações. Em *Temor e tremor* (1843), Kierkegaard faz a seguinte observação:

O que pode por outro lado, exprimir-se dizendo que é aplicável a cada instante. Repousa imanente em si mesma, sem nada exterior que seja o seu *telos* sendo ela mesma *telos* de tudo o que lhe é exterior; e uma vez que se tenha integrado nesse exterior não vai mais além. Tomado como ser imediato, sensível e psíquico, o Indivíduo é o Indivíduo que tem o seu *telos* no geral; a sua tarefa moral consiste em exprimir-se constantemente, em despojar-se do seu caráter individual para alcançar a generalidade. Peca o Indivíduo que reivindica a sua individualidade frente ao geral, e não pode reconciliar-se com ele senão reconhecendo-o (Kierkegaard, 1979, p. 239, grifos do autor).

No entanto, esse estágio ainda não permite uma existência autêntica. Isso porque, na medida em que torna-se obediente às normas sociais, o homem escapa de sua própria interioridade. Em outras palavras, compreende-se que a sociedade significa uma exteriorização que não possibilita a introspecção. Os conjuntos de obrigações éticas, por meio de escolhas e controle dos instintos racionais, guia a vida do homem ético. Contudo, sem uma realização plena.

Conforme Oliveira (2003), no estágio ético o indivíduo almeja afirmar a identidade entre a interioridade e exterioridade, pois existe uma necessidade da revelação de si mesmo e, por outro lado, do dever concreto. Dessa forma, o indivíduo encaminha-se para se tornar consciente de ser responsável, entretanto, ele sente o peso do universal. O que significa dizer que sente o peso de atrair para si a existência coletiva, pois nesse estágio ele acaba submisso à lei em toda sua generalidade. Por

outro lado, é preciso enfatizar que ser ético não é abandonar sentimentos, fazendo escolhas para realizar interesses pessoais, ao contrário disso, para Kierkegaard a esfera ética é a do sacrifício de si pelo outro (Dacoregio, 2007).

Sabe-se que o homem refugia-se no papel social, ele se alinha aos costumes sociais e aos deveres que deles emanam. No entanto, por entender que superou o estágio estético, acredita que está no caminho adequado. Mas o entendimento é que ele está tão desesperado quando o esteta, pois encontra-se preso ao que é temporal. Dacoregio (2007) entende que no modo de vida ético os valores são inconstantes, pois eles não nascem da interioridade do sujeito, ou seja, tudo é passageiro e muda com o tempo. Por fim, Kierkegaard (1979, p. 239, grifos do autor), continua a alertar:

O Indivíduo, depois de ter entrado no geral, se sente inclinado a reivindicar a sua individualidade, entra numa crise da qual só poderá libertar-se pela via do arrependimento e abandonando-se, como Indivíduo, no geral. Se tal é o fim supremo destinado ao homem e à sua vida, a moralidade participa então da mesma natureza da eterna felicidade do homem, a qual constitui em cada momento, e para toda a eternidade, o seu *telos* porque haveria contradição em afirmar-se que ela pode ser abandonada (quer dizer, ideologicamente suspensa), visto que, desde o momento em que se suspendeu, está perdida, enquanto que estar suspenso não significa perder-se, mas conservar-se na esfera superior que é o seu *telos*.

Segundo França e Silva (2014), o campo da ética é marcado pela busca de uma uniformidade de posturas, de uma harmonia entre os seres humanos. Tal dinâmica representa o perigo do estilo de vida ético, pois o sujeito coletiviza sua postura e perde sua individualidade. Por essa razão, a fase da moralidade não rechaça completamente a dimensão estética, tendo em vista que o homem ético, nesse espaço universalista, reorganiza o espaço adequado ao prazeres estéticos. Ou seja, no estágio ético a consciência de si é maior e mais lúcida.

Portanto, ao se universalizar, o ético se despersonaliza. Nesse sentido, Kierkegaard o caracteriza como desesperado. Na moralidade, o homem sacrifica sua singularidade, pois está preocupado com a coletividade. Ele perde sua autenticidade negando a si mesmo. Para Kierkegaard, o homem ético deve investir em ações concretas, fazer o bem e compreender a própria história para torná-la universal (Costa, 2023). Nas palavras de Kierkegaard no livro *Ou ou: um fragmento de vida* (1843): “Ser o homem único, em si e para si, não é nada de grande, pois cada homem tem isso em comum com qualquer criação da natureza; mas ser único, dessa forma, sendo ao mesmo tempo o universal, constitui a verdadeira arte da vida” (Kierkegaard,

2017, p. 260). Assim, no estágio ético, o homem faz o que é melhor para si, procura conciliar sua subjetividade com as leis éticas e tem consciência das consequências de suas escolhas. Além disso, o reconhecimento do todo é mais importante, no entanto, no ético existe o desespero por intermédio das obrigações sociais.

3.2 Sócrates: o autoconhecimento como virtude

Para Kierkegaard, o grande exemplo do homem ético na história da filosofia é personificado na figura de Sócrates, pois ele submeteu sua individualidade à universalidade da lei. O *conhece-te a ti mesmo* socrático é uma manifestação do autoconhecimento necessário para o indivíduo e, ao mesmo tempo, representa o exercício de virtude que contribui com o projeto de Deus. Justamente por isso, Kierkegaard o exalta:

Sócrates foi o mais interessado dos homens que viveram, e a sua vida a mais interessante das vidas vividas; mas esta existência foi-lhe adscrita pela divindade, e na medida em que lhe foi necessário conquistá-la por si próprio não deixou de conhecer a dor e o sofrimento (Kierkegaard, 1979, p. 268).

A morte de Sócrates é representada por Kierkegaard como um ato de dignidade e fruto da característica ética. Com isso, Kierkegaard defende Sócrates porque este acreditava que toda verdade se encontra dentro do próprio homem. O filósofo grego defendia que a ética era uma questão teórica, no qual a única coisa importante para o indivíduo era conhecer e agir de acordo com o bem (Sampaio, 2010).

Em virtude disso, para Kierkegaard, a ética pode ser considerada entre o ser e o saber. Quando enuncia sua grande máxima, Sócrates põe em evidência a força da razão. Nesse sentido, é por meio da razão que devem ser fundamentadas as normas e costumes morais (Sampaio, 2010). De acordo com Kierkegaard (1991, p. 131) no livro *O conceito de ironia*:

O ponto de vista de Sócrates é pois o da subjetividade, da interioridade, que se reflete em si mesma e em sua relação para consigo mesma dissolve e volatiliza o subsistente nas ondas do pensamento, que se avolumam sobre ele e o varrem para longe, enquanto a própria subjetividade novamente afunda, refluindo para o pensamento.

No mais, Sócrates afirmava a impossibilidade de que a verdade fosse transmitida a partir da exterioridade. Ou seja, ele acreditava que a dimensão externa

é parte constitutiva da sua interioridade. Nesse sentido, pressupõe que a verdade objetiva exige o exercício da racionalidade e da reflexão crítica: “O que implica uma unidade envolvendo o universal interior e o universal exterior em processo que atribui à esfera subjetiva a condição que encerra a interioridade universal do pensamento” (Rosa, 2018, p. 9). Em outras palavras, o saber como interioridade e seu caráter essencialmente reflexivo, converge para a descoberta do universal da ética. Além do mais, a ideias de Sócrates convergem:

[...] para as fronteiras que encerram a primazia do indivíduo e da sua liberdade subjetiva em relação à coletividade e ao contexto histórico-cultural e ao seu movimento de imposição de valores, práticas e condutas que se sobrepõe ao sujeito e impede a manifestação de sua individualidade (Rosa, 2018, p. 9).

Segundo Almeida e Valls (2007, p. 30), “Sócrates é um referencial ao demonstrar, com sua própria vida, os limites da razão conceitual e a necessidade de um novo patamar de conhecimento”. Além disso, ele tem o mérito de romper com a objetividade do Estado e introduzir a subjetividade como eixo da ação.

De acordo com Sampaio (2010), Kierkegaard considera que a ética é uma estética, que afirma o bom, o belo e a Eudaimonia e porque precisamente se limita a tudo o que é apazível. Consequentemente, a aspiração ética que os gregos almejavam, molda, por exemplo, sua concepção de amor. No entanto, Kierkegaard entendia que a subjetividade socrática não bastava. Isso porque:

O que Sócrates não pôde perceber é que não basta o autoconhecimento para o homem agir com coerência, pois o homem não é um ser transparente, mas ambíguo, contraditório. Por isso mesmo a passagem do compreender ao agir esbarra em obstáculos, depende da liberdade e da fé (Rezende, 2012, p. 134).

No entendimento de Kierkegaard, a vontade em Sócrates era travada, ele não conseguiu realizar o salto, ou seja, o amor socrático deve ser superado pelo amor divino, de Deus, no tempo. Esse salto é em direção ao estágio religioso, pois neste se transcende a toda moralidade convencional. Nesse sentido, Kierkegaard acredita que, pela ética cristã, é possível internalizar princípios éticos adequados, como o amor ao próximo, o que representa a manifestação da subjetividade do indivíduo.

3.3 O matrimônio

É preciso salientar, ainda, que o casamento no estágio ético é uma temática central. Kierkegaard utiliza como exemplo o Juiz Wilhelm, personagem do livro *Ou/Ou e de Estádio de caminho da vida* (1843), como exemplo de um sujeito ético. Ele representa um homem de fé, que resguarda os valores do matrimônio. O casamento concretiza uma espécie de dever moral, é uma escolha ética por excelência, pois compreende a vida do indivíduo integralmente, retrata a realização do geral. O amor é uma manifestação comum ao gênero humano. Nas palavras de Kierkegaard (1979, p. 169):

O casamento será sempre uma instituição respeitável, apesar do enfado de desfrutar, logo nos primeiros dias da juventude, uma parte da respeitabilidade que é apanágio da velhice. Pelo contrário, os noivados são uma invenção verdadeiramente humana e, conseqüentemente, de tal modo importante e ridícula que uma jovem, no turbilhão da sua paixão, vai mais além, continuando a ter consciência dessa importância e sentindo a energia da sua alma circular por todo o seu ser como um sangue superior.

Conforme aponta Sampaio (2010), o Wilhelm é defensor do casamento feliz, entendido como um herói da vida conjugal. Para ele, o matrimônio é encarado como uma das mais belas missões que o homem pode realizar. Nas palavras de França e Silva (2014, p. 75), “Por ser um compromisso social, o noivado consiste no primeiro momento ético do amor. Para Kierkegaard o matrimônio oferece resignação e traz o momento ético”. Entretanto, o filósofo dinamarquês alerta que o matrimônio não deve, pois, conduzir o amor, pelo contrário, deve pressupô-lo, não como um passado, mas sim como um presente. Além disso, o compromisso do noivado contribui para a realização do momento ético e também a saída do estágio estético.

Em virtude disso, pode-se afirmar que o matrimônio é o supremo objetivo da vida individual, mas é uma decisão livre, pois é a partir do compromisso matrimonial que o sujeito é introduzido na realidade da vida (Sampaio, 2010). No mais, é necessário compreender que:

Finalmente, como critério primordial, Kierkegaard afirma que a base do matrimônio é o interior e com isso, determina a pouca importância de assuntos menores, questões da vida material. Assim, a vida material não pode afetar o casamento que se fortalece no espiritual. Dada a condição de que o espiritual é o imperecível, sobre o qual deve se apoiar o perecível, a alma é o que realmente importa no amor. Sendo o amor conjugal, algo para sempre, deve-se fundar na alma, portanto (Dacoregio, 2007, p. 63).

O sujeito ético encontra no matrimônio a expressão da vida ética por excelência, pois o casamento implica na representação da vontade e a escolha que gira em torno de todos os aspectos da vida do homem. Isso significa que o indivíduo se realiza tanto no geral quanto no particular. No mais, entende-se que:

Uma vez que o modo de vida ético é o da relação com os outros, obviamente pelo fato do casamento ser também um compromisso social, o julgamento dos outros sobre o que se faz é inevitável. Mas o filósofo não defende que tenhamos que viver em função deles (Dacoregio, 2007, p. 58).

Nesse sentido, o condutor de um relacionamento é o que existe no interior dos indivíduos. Pela interiorização tudo pode ser resolvido, pois a partir do instante em que se realiza, o matrimônio pode passar por momentos de intempéries, e é por meio das lembranças que o amor supera as dificuldades. Entendimento que é descrito por Kierkegaard (1994, p. 123), “No matrimônio, ao contrário, o essencial é interior, o que não se pode indicar, mostrar com o dedo o que acha precisamente sua expressão no amor”.

Por conseguinte, o casamento implica em uma grande responsabilidade ética porque o homem passa a cuidar não somente de si, mas de outro e diante de outro (Silva, 2019). Nesse caso, temos o elemento “família” que sustenta e promove a superação do egocentrismo, ou seja, é fator de superação do estético. Além disso, implica afirmar que o outro é visto como fim e não como fruto de um capricho ou de uma experiência sem o amanhã (Silva, 2019). Por intermédio do amor conjugal, que se pressupõe como permanente e responsável pelo envolvimento entre o casal, a ética se manifesta. Além disso, Kierkegaard (1994, p. 120) afirma:

Imagina um homem que se casou sem tomar consciência da função ética que comporta o matrimônio. Ama com toda a paixão da juventude, porém, de repente, uma causa exterior o coloca na dúvida: pergunta-se se aquela a quem ama, e a quem está unido pelo vínculo do dever, não poderá acreditar que ele a ame unicamente por dever. Acha-se assim em um caso semelhante ao que já assinala: para ele também o dever parece estar em oposição ao amor; porém, ama, e seu amor é para ele o bem supremo; empenha-se, pois, em vencer esse inimigo.

Ainda nesse sentido, o filósofo dinamarquês afirma que não pode-se deixar perturbar, não é necessário haver dever no matrimônio e que quem realmente ama não receia o compromisso, pois é uma escolha que nasce do movimento interior do coração (Kierkegaard, 1994). Portanto, a ética resulta no estabelecimento de valores

e modalidades universais e o peso da escolha é fruto da noção de sacrifício, e no caso, o homem escolhe o amor matrimonial.

Esclarecido o sentido do casamento, é importante pontuar sobre o salto para fé na filosofia kierkegaardiana. No estágio ético, o indivíduo entra nos limites estabelecidos pela sociedade, ou seja, há uma contraposição entre o singular e o universal (Sampaio, 2010). Ao cumprir suas exigências universais, o homem ético acaba por se despersonalizar. Nesse caso, ao se dar conta da própria história e analisar os próprios erros, o ético descobre a subjetividade que habita seu ser, levando-o a se arrepender (Santos, 2017).

Pois, como anteriormente dito, nessa fase a reflexão que o indivíduo faz é em direção de si mesmo e objetiva a melhor condução de sua existência. A escolha é fruto de um entendimento de que não existe um retorno, outras possibilidades passam e não há como retornar. Ao descobrir a sua subjetividade, esse indivíduo conhece o arrependimento e, somente assim, estará pronto para dar o salto para o estágio religioso. Apesar disso, Kierkegaard reconhece que se encerra em um modo de vida insosso, que impede uma vida de plenitude espiritual. É preciso que o homem seja ele mesmo totalmente e verdadeiramente, e isso só acontece quando o *eu* se encontra perante Deus na solidão de sua individualidade, que é a dimensão da fé (Oliveira, 2003).

A vida moral, embora superior a estética, ainda se encontra na impessoalidade das regras universais, mas no estágio religioso o que é destacado no indivíduo particular é maior que as obrigações do dever aos costumes e regras morais. O homem responde e se justifica apenas perante a Deus (Oliveira, 2003). Como veremos no capítulo a seguir, Kierkegaard utiliza a história bíblica de Abraão para falar sobre a relação entre razão e fé, mostrando que, no estágio religioso, existe a primazia da individualidade perante a razão moral.

O ético tem consciência do erro de não estar ligado à sua existência e da sua responsabilidade por isso. Para deixar de ser 'pecador', precisa de vontade interior, que é o arrependimento que constitui o último momento da esfera ética, quando é possível o salto para o modo de vida religioso (Dacoregio, 2007, p. 64).

Portanto, no estágio ético o desespero acontece quando o sujeito perde sua singularidade e caminha para massificação. Para Kierkegaard, a subjetividade é superior à moralidade e o cristianismo está envolto numa relação subjetiva com Deus

(Costa, 2023). O homem deve ser ordenado de acordo com as próprias ações, pois “Só quando o indivíduo é ele próprio universal, só então o ético se deixa realizar” (Kierkegaard, 2017, p. 259). Em suma, uma vez vivendo no geral, o indivíduo entra em desespero e nega a si mesmo. Por isso, Kierkegaard (2017, p. 260), afirma:

A personalidade não tem então o ético fora de si, mas em si, e este irrompe desta profundidade. Importa então, como ficou dito, que não aniquile o concreto num assalto abstrato e vazio de conteúdo, mas que o assimile para si. Como desta forma o ético jaz no mais profundo da alma, então, nem sempre salta aos olhos, e um homem que viva eticamente pode fazer exatamente o mesmo que aquele que vive esteticamente de tal forma que pode iludir durante muito tempo, mas chega por fim o instante em que se mostra como aquele que vive eticamente tem um limite que o outro não conhece.

Kierkegaard entende que o sujeito ético não é capaz de enxergar além do infinito. Ele compreende que apesar do homem ser finito, que este não pode perder o desejo ser infinito (Costa, 2023). Sendo assim, o sujeito deve investir em ações concretas, ou seja, fazer o bem e focar na sua liberdade. Nesse sentido, isso somente pode ser justificado no estágio religioso, pois o Absoluto é alheio a tudo o que é mundano e, conseqüentemente, às regras morais: “Reconhecendo-se como pecador, o indivíduo percebe sua fraqueza e imperfeição, descobre em seu íntimo uma aspiração ao perfeito, querendo elevar-se até ele” (Sampaio, 2010, p. 78).

O que concerne ao ético é o sentido social e no estágio religioso é necessário que esta compreensão seja silenciada. Logo, é preciso reconhecer, segundo descreve o filósofo dinamarquês, as falhas praticadas, manifestar o desejo de correção e, como último pulsar da vida ética, manifestar sofrimento pelas faltas cometidas. Portanto, é preciso dar um salto para a vida religiosa. No capítulo a seguir, abordaremos as particularidades do estágio religioso.

4 O ESTÁGIO RELIGIOSO

O estágio religioso, por fim, converge para um entendimento cristão. O pecado, nesse sentido, coloca o indivíduo frente ao Absoluto e permite o perdão e a salvação. O sujeito ético revela-se insuficiente diante do *eu* que exige o *infinito*, por conseguinte ocorre um salto para a fé, que ultrapassa as formas da razão. No estágio religioso, existe uma condição reflexiva acerca do que foi vivido nos outros estágios, sabendo ponderar o que ocorreu de melhor em cada etapa, isto é, são dados novos sentidos as situações. O salto para fé demonstra que a verdade não está contida nos momentos externos, tal qual o esteta procura, nem mesmo na interioridade do sujeito ético. A resposta é encontrada na relação íntima com a divindade, está tudo envolvido no propósito arquitetado por Deus.

Ainda nesse sentido, no estágio religioso Kierkegaard entende que há um chamado de Deus. Com a aceitação desse chamado, o homem pode alcançar a existência autêntica e, ao reconhecer Deus em si mesmo, poderá o indivíduo ter uma vida dotada de originalidade. Segundo Sampaio (2010), Kierkegaard afirma que uma vez mergulhado em seu próprio *eu*, o homem reconhece Deus como o poder que o criou.

Por conseguinte, nesse etapa existencial o homem reconhece não ser autossuficiente e que, somente pela fé em Deus, conseguirá uma realização plena. No entanto, a relação entre o sujeito e Deus não é medida por uma balança racional, isto é, o indivíduo se compromete com algo objetivamente incerto e paradoxal. Em outras palavras, no estágio religioso o indivíduo tem a consciência de estar, em sua finitude e singularidade, perante a Deus. Além do mais, nesse estágio existencial, há uma luta permanente frente à dúvida e à incredulidade (Oliveira, 2003). Portanto, no estágio religioso o sujeito dá um salto para infinito e pode sair do desespero. A fé estimula-o a buscar a interioridade e, assim, encontrar o poder que o criou.

4.1 O cavaleiro da fé: Abraão

O salto para o estágio religioso é representado por Kierkegaard no livro *Temor e tremor* (1843). Nesse livro, ele faz uso do pseudônimo de Johanes de Silentio. No mais, o filósofo dinamarquês utiliza a figura bíblica de Abraão para mostrar que é necessário fazer a vontade de Deus. O sacrifício de Abraão ordenado por Deus – para que ceifasse o próprio filho (Isaque) – é consequência de uma fé obediente. Porém,

Deus intervém e impede tal ato, pois Abraão já havia dado demonstração de sua fé. Essa ordem é eticamente errada, porém, mostra a obediência religiosa que envolve o propósito divino. Essa história bíblica demonstra o absurdo da fé, evidencia a capacidade do indivíduo transpassar qualquer regra moral e racionalidade para fazer cumprir a promessa feita para Deus. A passagem bíblica que destaca o pedido de Deus para Abraão, está contida no livro de Gênesis e também é enfatizada por Kierkegaard no livro *Temor e Tremor*:

E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi. Então se levantou Abraão pela manhã de madrugada, e albardou o seu jumento, e tomou consigo dois de seus moços e Isaque seu filho; e cortou lenha para o holocausto, e levantou-se, e foi ao lugar que Deus lhe dissera (Bíblia, [...] 2017, Gên. 22, 1-2, p. 62).

O filósofo dinamarquês não vislumbra compreender o *Cavaleiro da Fé* (Abraão), sua atitude dispensava qualquer explicação racional, ele era o exemplo perfeito da busca pelo *infinito* e Kierkegaard se resguardava em apenas admirá-lo. Logo, é importante compreender que: “Estamos então em presença do paradoxo. Ou o Indivíduo pode, como tal, estar em relação absoluta com o absoluto, e nesse caso a moralidade não é o supremo estágio, ou então Abraão está perdido; não é um herói nem trágico nem estético” (Kierkegaard, 1979, p. 296).

A questão levantada por Kierkegaard na etapa religiosa justifica Deus como norma do indivíduo e isso está explícito no momento em que Abraão se dirige ao Monte Moriá para realizar o sacrifício de Isaque, a intenção era apenas cumprir o propósito divino. Tendo isso em vista, a liberdade do homem demonstrada no estágio religioso evidencia uma profunda relação reflexiva com Deus. O salto para fé retrata a síntese do homem religioso, capacita-o para agir sem arrependimento. Kierkegaard faz elogios a Abraão justamente por ele ter forças, mesmo diante do sacrifício do filho, em nome de Deus, pois:

Pela fé Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi estrangeiro na terra prometida. Abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé; se refletisse no absurdo da viagem, nunca teria partido. Pela fé foi estrangeiro na terra prometida onde nada evocava o que amou, onde a novidade das coisas imprimia na alma a tentação dum doloroso arrependimento. Contudo ele era o eleito de Deus, aquele em que o Eterno se revia! (Kierkegaard, 1979, p. 202-203).

A atitude do *Cavaleiro da Fé* supera o agir ético dominado pela razão, a fé é um ato de contradição que suspende os costumes morais socialmente aceitos. A vontade de Deus é soberana. De acordo com Dacoregio (2007), Abraão é um exemplo de solidão e abandono, pois o seu foco era apenas a vivência da fé, na ética dos homens sacrificar o próprio filho é algo abjeto, mas ele almeja o infinito, confia no desígnio divino. Essa compreensão é diretamente relacionável ao agir de Abraão, justamente por isso Kierkegaard comenta o seguinte:

Observemos agora o cavaleiro da fé, no caso citado. Age exatamente como o outro; renuncia infinitamente ao amor, substância da sua vida; apaziguou-se na dor; então dá-se o prodígio; realiza um movimento ainda mais surpreendente do que todos os anteriores. Com efeito diz: *Eu creio, sem reserva, que obterei o que amo em virtude do absurdo, em virtude da minha fé de que tudo é possível a Deus*. O absurdo não pertence às distinções compreendidas no quadro próprio da razão (Kierkegaard, 1979, p. 230, grifos do autor).

Existe uma relação paradoxal no agir da fé, pois de um lado o crente observa que o *eu* é identificado como Absoluto, de outra perspectiva, pelo homem sem fé, é caracterizado como absurdo e incompreensível. Então, o ato maior está na servidão a Deus, que tudo suplanta e suporta, que supera as formas do agir ético e estético. O homem observa no estágio religioso que a descentralização de si acontece pela necessidade de reconhecer a realidade de Deus como instância última.

Sobre isso, ainda é importante salientar que, no livro *Temor e tremor*, são apresentadas variações do relato bíblico em debate, pois o intenção de Kierkegaard era questionar a moral de Immanuel Kant e a ética de Friedrich Hegel, a saber: “O patriarca, Pai da fé, não pode falar a verdade, como exigia Kant, e se relaciona diretamente com um Absoluto, que transcende a ética, de modo a contrariar os sistemas idealistas e racionalistas” (Almeida; Valls, 2007, p. 11).

Nesse sentido, Ericksen (2019) destaca que a superação da ética é um dos meios necessários e, ao mesmo tempo, indisponíveis para que o elemento religioso, de comunhão com Deus, seja alcançado de forma subjetiva entre Abraão e o divino. Nesse caso, trata-se de um salto em direção ao nada, ou seja, há uma convicção de que o caminho verdadeiro é a fé em Deus. Quanto à isso, o entendimento é de que o cristianismo é o motivador para se pensar a eternidade do ser humano, é do encontro com Deus que o homem descobre a sua predisposição cristã (Costa, 2023). Além disso, é importante pontuar que:

A possibilidade diante do nada angustiou Abraão ao ficar em silêncio diante do pedido de Deus. Angústia é um sentimento subjetivo que fragiliza e desorienta o indivíduo na sua existência; esse indivíduo está diante de um vazio profundo, pois ele não está junto de outros indivíduos, mas diante de si mesmo (Costa, 2023, p. 59).

No caso, o indivíduo ético é aquele que está preso a obrigações universais, enquanto Abraão está centrado na sua individualidade, pois não pode falar. No estágio religioso, o homem compreende que os grandes problemas não estão nos estágios estético ou ético, ele sabe que tem que renunciar ao que é finito e temporal. Ele almeja o contato com o Absoluto. Portanto, o amor total de Deus reverte ao próprio homem, o indivíduo que opta pela fé, destaca Kierkegaard, pode ser comparado a Abraão na caminhada ao Monte Moriá, o cumprimento da promessa é a síntese da felicidade.

4.2 O solidão e silêncio no modo de vida religioso

Sampaio (2010) destaca que, para Johannes de Silentio, o cavalheiro da fé é um indivíduo único. Mas cada homem, em sua existência, pode realizar o sacrifício em busca do Absoluto. O cavalheiro da fé, diferentemente do herói trágico, é motivado por questões de ordem pessoal. Justamente por isso não depende da ética, mas busca superá-la: “Abraão realiza-se no silêncio que tem seu fundamento na sua relação com o Absoluto, pois sabe que nesta situação ele se encontra sozinho (Sampaio, 2010, p. 86). Ou seja, o cavalheiro da fé individualiza os próprios anseios, ele se apoia na própria fé. Conforme aponta Oliveira (2003, p. 77):

Para Kierkegaard, todo aquele que não está no estágio religioso não é ele próprio, porque não é singular, não fez essa conquista, encontra-se em outros estágios da existência: o estético ou o ético. É preciso, entretanto, que o homem seja ele mesmo totalmente e verdadeiramente. E isso só acontece quando o eu se encontra perante Deus na solidão de sua individualidade, que é a dimensão da fé.

Longe das leis universais do estágio ético, Abraão está em um caminho de individualidade, pois recebe a ordem de Deus em sua solidão. Ele não responde aos anseios da coletividade, busca obedecer a fé maior. O cavalheiro da fé, Abraão, segue uma direção solitária em que se justifica apenas perante Deus. Nesse sentido, a interpretação é de que uma vez individualizado e estando em silêncio, ele está reconhecendo sua relação com o Absoluto.

Abraão não questiona o pedido de Deus, por isso é exemplo de entrega. Seu modo de vida é uma demonstração total de confiança no divino e o silêncio que o aceita (Dacoregio, 2007). Pois o silêncio é qualidade fundamental do estágio religioso e está ligada à solidão, ambas características se justificam na medida em que existe um entendimento de que não se pode falar e nem compartilhar quando se está sozinho na presença de Deus e de seu pedido: “[...] o silêncio é também um estágio em que o Indivíduo toma consciência da sua união com a divindade” (Kierkegaard, 1979, p. 273). Além do mais, entende-se que:

O seu silêncio não teria, como motivo, a vontade de entrar como Indivíduo em uma relação absoluta com o *geral*, mas no fato de ter entrado como Indivíduo numa relação absoluta com o *absoluto*. Deste modo poderia, suponho, achar ali o repouso, enquanto seu magnânimo silêncio seria constantemente perturbado pelas exigências da ética (Kierkegaard, 1979, p. 278, grifos do autor).

A solidão seria, nesse sentido, uma maneira de impedir que encontrasse uma confirmação ou aprovação de seus atos no mundo. Ou seja, a condição a que Abraão se submete não é de bem-estar e felicidade, mas de incerteza e de contradição entre ele e o mundo. O silêncio de Abraão desperta nele uma angústia, e somente pela liberdade que o sujeito consolida sua existência com Deus (Costa, 2023). É também, nesse sentido, um comportamento que visa a interiorização do eu, pois este busca viver a própria verdade, é a busca pela autenticidade, o que implica na solidão.

Sua vida interior não pode ser compartilhada, por isso que vive sozinho e, no entanto, quando em sociedade, parece não estar sozinho, porém na realidade, ninguém o compreende ou, é igual a ele e muito menos compartilha pensamentos e emoções. E, morre sozinho levando com ele tudo que construir espiritualmente e, então, relaciona-se com Deus de maneira completa (França; Mattos, 2015, p. 25).

Por conseguinte, o silêncio interior é uma forma de construir a si mesmo diante das inúmeras possibilidades. É necessário elevar-se a um grau maior, um salto qualitativo para alcançar Deus. O silêncio diante de Deus é a compreensão do desespero em Kierkegaard, isso porque ao viver a intensidade do pedido divino, Abraão está seguindo uma via em que seu coração fala mais alto que sua razão, isto é: “Não levanta os olhos, mas, com o coração, sente todo o peso do acreditar no inefável. Segue o seu caminho, descobrindo suas limitações, o vazio perante a materialidade e o absurdo da fé” (Silva, 2019, p. 68).

No silêncio de Abraão em rumo ao monte Moriá está o desespero. É a representação do homem que não mais aceita universalizar, tal como o ético, seus princípios. Ele obedece e resguarda-se em Deus. Justamente por isso, entende-se que esse processo retrataria uma subjetividade ou, em outras palavras, em sua autenticidade: “Trata-se da decisão tomada a partir da escolha subjetiva do homem em seu silêncio da fé, onde não uma decisão imposta, mas a livre preferência de escolher a si e a posteridade da sua fé” (Silva, 2019, p. 71). O cavalheiro da fé despoja-se da racionalidade e fica disponível para Deus. Com isso, a impossibilidade de Abraão falar significa que ele só tem ouvidos para a linguagem divina, sua completude encontra-se no silêncio. Na obra *Os lírios do campo e o pássaro sob o céu: três discursos piedosos* (1849), expressa o seguinte sobre o silêncio diante de Deus:

O começo é a arte de tornar-se silencioso; pois ser silencioso como a natureza não é arte nenhuma. E dessa maneira, tornar-se silencioso no sentido mais profundo, silencioso diante de Deus, é o começo do temor a Deus; pois como o temor a Deus é o começo da sabedoria, então o silêncio é o começo do temor a Deus. E como o temor a Deus é mais do que o começo da sabedoria, é ‘sabedoria’, assim também o silêncio é mais que o começo do temor a Deus, é ‘temor a Deus’. Nesse silêncio, em temor a Deus, emudecem os muitos pensamentos do desejo e do anseio; nesse silêncio, em temor a Deus, emudece a loquacidade da ação de graças (Kierkegaard, 2022, p. 13).

Portanto, é no estágio religioso que o absurdo se torna realidade, o ato de vontade que leva o homem por esse caminho é a fé. Viver autenticamente é assumir a vida como própria. Além do mais, compreende-se que a maneira para se chegar a Deus é através do subjetivo, mediante a interioridade do silêncio. A relação de Deus com o indivíduo surge como forma de salvá-lo da angústia. E isso deve-se ao fato de que o estágio religioso é domínio da solidão. Como aborda Kierkegaard (1979, p. 370):

Em compensação, toma-o muitas vezes uma necessidade de solidão, tão vital para ele como respirar e dormir. Que mais intensamente do que o comandar gente ele tenha essa necessidade vital, é nele outro indício duma natureza mais profunda. A necessidade da solidão revela sempre a nossa espiritualidade, e serve para dar a sua medida.

Para Kierkegaard, na fase religiosa o indivíduo consegue ser livre, pois é nesse momento existencial que consegue ser feliz e realizado. Ao interiorizar-se, o eu é livre para ser ele mesmo e isso só ocorre quando se está em profunda solidão. Ao buscar sua autenticidade, o sujeito também está condenado a descobrir sua liberdade, por

outro lado, uma vez descoberta sua individualidade, esta é refletida na sua solidão, pois isso só ocorre quando se está diante de Deus (Oliveira, 2003).

De acordo com Dacoregio (2007), a individualidade no interior do homem o faz ser caracterizado como um ser solitário, pois o que há de verdadeiro nele não pode ser mostrado aos outros. Kierkegaard entende que a única maneira de encontrar felicidade é na profunda interiorização religiosa. Além do mais, o desejo por solidão tem a ver com a eternidade que busca e com sua relação com seu si-mesmo (Schmaelter, 2017).

A relação da subjetividade com o Absoluto, estimulada primeiramente pelo arrependimento e alimentada pela fé, é portanto uma relação individual, privada, que não permite agrupar-se mesmo com aqueles que a estabelecem por sua própria conta: essa ruptura (que impede qualquer síntese) com o mundo, faz do religioso o domínio da solidão (Le Blanc, 2003, p. 73).

O afastamento dos outros parte do entendimento de que o homem é livre e não compartilha destino com ninguém. A solidão é algo interno, que não pode ser exteriorizado (Schmaelter, 2017). Em virtude disso, Kierkegaard (1979, p. 265) afirma: “O cavaleiro da fé já não encontra outro apoio senão em si próprio; sofre por não poder fazer-se compreender, mas não sente nenhuma vã necessidade de guiar os outros”. Dessa forma, Kierkegaard compreende que, embora convivamos em sociedade e, que, possamos nutrir sentimentos pelos outros que nos são caros, ainda assim a solidão se faz presente. Justamente por isso, no estágio religioso, ele afirma que a relação com Deus seja como um remédio para a natureza humana. O cavaleiro da fé tem noção da sua responsabilidade e caminha rumo ao sacrifício do filho tendo essa noção, o seu compromisso é somente com Deus e a solidão é parte da angústia permanente do ser humano.

4.3 Amor, Deus e o outro

Como vimos, Abraão representa a figura daquele que se entrega a superioridade do divino. O ato de agradar a Deus, mesmo que sacrificando o filho, demonstra que o cavaleiro da fé estava em busca de uma relação direta com o divino, sem preocupar-se com o universal: “A consciência humana é a possibilidade de contato consigo mesmo e com o eterno” (Costa, 2023, p. 60). Trata-se de uma relação subjetiva com Deus, mas que assume uma relação singular com o Absoluto.

Na filosofia de Kierkegaard, o homem de fé é aquele que coloca a salvação da alma acima de qualquer outra coisa, porém a fé é o máximo amor de si mesmo que convive com o máximo temor de Deus. É um paradoxo, mas a fé é exatamente isso, um paradoxo (Costa, 2023, p. 62).

Nesse sentido, observa-se que religião e ética estão imbricadas numa relação entre teoria e prática. Para Kierkegaard, o amor é aquilo que edifica e o fundamento de mais profundo da vida espiritual, como descreve na seguinte passagem no livro *As obras do amor* (1847): “O amor é a fonte de todas as coisas, e no sentido espiritual o amor é o fundamento mais profundo da vida espiritual. Em cada ser humano em que há amor, está implantada, no sentido espiritual, a fundação” (Kierkegaard, 2003, p. 221). O amor edifica a partir do espiritual e representa a interiorização da indivíduo. Sampaio (2010, p. 159), entende que: “O edificante designa um processo de interiorização do indivíduo, diz respeito a tudo aquilo que pode auxiliar o indivíduo, em sua interiorização a apropriar-se de valores éticos ou religiosos”. A interioridade, aqui, é tratada como forma de edificar-se, um desenvolvimento singular do sujeito.

Amor é o fundamento, amor é o edifício, amor edifica. Edificar, é edificar amor, e é o amor que edifica. Sem dúvida, empregamos às vezes o termo edificar em uma acepção mais geral; opondo-nos à decadência que só quer derrubar, ou à confusão que só é capaz de derrubar e destroçar, dizemos que a pessoa competente edifica, aquela pessoa capaz de governar e orientar, que sabe ensinar proveitosamente em sua especialidade, aquela que é mestre em sua arte (Kierkegaard, 2003, p. 222).

Nesse sentido, o entendimento é de que Kierkegaard propõe uma ética cristã do amor, no qual a subjetividade e o dever de amar o próximo desempenham papéis centrais. Além disso, a concepção de amor ainda fomenta as relações interpessoais na construção da identidade humana. Para Kierkegaard, a experiência religiosa é uma jornada interior que está atrelada à singularidade e à subjetividade, com foco na busca por uma fé genuína, sem se apegar ao externo (Costa, 2023). Para o filósofo dinamarquês, Deus implanta o amor em cada ser humano, Ele é o amor em pessoa, nenhum sujeito é capaz de criar amor em outra pessoa, apenas o Absoluto. Na citação a seguir, Kierkegaard deixa claro seu entendimento:

Quando então falamos da obra do amor que consiste em edificar isso deve significar uma de duas coisas: que o que ama implanta o amor no coração de uma outra pessoa, *ou então* deve significar que o que ama pressupõe que o amor esteja no coração da outra pessoa, e justamente por essa pressuposição edifica nela o amor –a partir da fundação, na medida que, é claro, amorosamente a pressupõe no fundamento. Edificar deve ser uma ou

outra dessas duas coisas. Mas será mesmo que um ser humano pode implantar amor no coração de uma outra pessoa? Não, essa é uma relação sobre-humana; uma relação inconcebível entre dois seres humanos; o amor humano não edifica neste sentido. É Deus, o Criador, que deve implantar amor em cada ser humano, ele, que é o amor em pessoa. Por isso é justamente desamoroso e de modo algum edificante, se alguém arrogante imagina que quer e que pode criar o amor na outra pessoa; nesse sentido, nenhum zelo apressado e metido a importante edifica o amor, e nem é, ele mesmo, edificante. A primeira forma de edificar mostrou-se então inconcebível, portanto devemos examinar a segunda situação. Assim obtivemos a explicação do que quer dizer: o amor edifica, e queremos nos deter nessa explicação: *aquele que ama pressupõe que o amor está presente no coração da outra pessoa, e justamente com essa pressuposição ele edifica nela o amor – a partir do fundamento, na medida que ele, é claro, amorosamente o pressupõe no fundamento* (Kierkegaard, 2003, p. 222-223, grifos do autor).

Para Kierkegaard, a existência compete única e exclusivamente ao homem enquanto singular. Sendo assim, a existência está imbricada ao edificar-se a si mesmo. É uma pulsão própria do indivíduo. No entanto, quando o assunto é direcionada para a ética, Kierkegaard entende que essa consciência de si está associada à liberdade. Ou seja, o autor dinamarquês compreende que a liberdade buscada pelo sujeito se realiza a partir do reconhecimento da doação de si mesmo ao outro. É uma forma de compaixão, um colocar-se no lugar do outro, um amor ao próximo.

O amor edifica ao pressupor que o amor está presente. Desse modo um que ama edifica o outro, e aqui é então bem fácil pressupô-lo, onde ele está notoriamente presente. Ai, mas o amor jamais está completamente presente em homem algum; nesta medida é possível afinal fazer outra coisa além de pressupô-lo: descobrir nele um defeito qualquer ou alguma fraqueza. E quando então alguém, desamorosamente, descobriu isso, quer talvez, como se diz, retirar, retirar esse argueiro, para edificar corretamente o amor. Mas o amor edifica. A quem ama muito, muito lhe é perdoado, mas quanto mais perfeitamente aquele que ama pressupõe que o amor esteja presente, tanto mais perfeito será o amor que ele há de cultivar amorosamente no outro (Kierkegaard, 2003, p. 225).

O pensador dinamarquês considera que o amar a si mesmo é o mesmo que amar a Deus. E, por conseguinte, o amor verdadeiro consiste em colaborar para que outra pessoa ame a Deus ou no amor divino. A relação de interioridade, portanto, é definida pela relação com o Absoluto. Conforme Costa (2023), o amor está inerentemente arraigado na essência da vida humana e se manifesta através da própria existência. Nesse sentido, a natureza interna do amor se manifesta através das ações humanas, explicando a alteridade do sujeito em direção ao outro. E o amor,

segundo Kierkegaard, é um passaporte para a eternidade, pois toca o cerne do coração humano e do mundo.

A interioridade exigida é aqui a da abnegação ou renúncia de si, que não se define mais proximamente em relação com a noção do amor da pessoa amada (do objeto) mas sim em relação com auxiliar a pessoa amada a amar a Deus. Daí segue que a relação de amor, enquanto tal, pode constituir-se no sacrifício que é exigido. A interioridade do amor deve estar disposta ao sacrifício, e mais: sem exigir nenhuma recompensa. A concepção puramente humana do amor ensina também que o amor não exige nenhuma recompensa – ele quer apenas ser amado, como se isso não fosse nenhuma recompensa, como se assim a relação toda não permanecesse afinal de contas dentro da definição da relação entre duas pessoas humanas. Mas a interioridade do amor cristão está disposta a ser, como recompensa por seu amor, odiada pela pessoa amada (pelo objeto). Isso mostra que tal interioridade é uma pura relação com Deus, a qual não tem nenhuma recompensa, nem mesmo a de ser amada: assim ela pertence totalmente a Deus, ou nela o homem pertence totalmente a Deus (Kierkegaard, 2003, p. 136-137).

Sendo assim, pode-se afirmar que, na subjetividade existencial kierkegaardiana, há um comprometimento consigo mesmo e com o outro, uma alteridade que é fundamentada a partir do entendimento que o amor é Deus. É uma pressuposição de que o amor esteja no coração de outra pessoa, no entanto, Kierkegaard alerta que é importante entender que não se trata de um movimento egoísta, mas sim edificante. Neste caso, compreende-se que: “Edificar é então, pressupor o amor no coração do outro, e esta pressuposição é o que constitui o edificante. É preciso pressupor o amor no próximo para que ele seja edificado” (Sampaio, 2010, p.161). Para Kierkegaard, o amoroso age em si mesmo, ou seja, existe uma pressuposição de que o amor está presente em outra pessoa, pois é uma forma de evidenciar ao próximo o amor de Deus:

O amor pode mover todas as relações humanas no mundo concreto. Segundo Kierkegaard, o amor é uma como uma fonte oculta que pode ser vista pelas obras humanas, e para compreendê-lo é necessário refletir sobre a ética cristã pautada na conduta humana (Costa, 2023, p. 68).

Kierkegaard, portanto, entende que a figura de Cristo é um modelo a ser imitado. Ao agir amorosamente com o próximo, o sujeito percebido tem a oportunidade de entender o amor de Deus: “[...] e sendo Cristo a expressão máxima do amor, é o fundamento da existência humana, é o modelo da ação para com o próximo” (Sampaio, 2010, p. 160). O Absoluto é o amor incondicional. Nas palavras de Kierkegaard (2003, p. 11-12):

A vida oculta do amor está no mais íntimo, insondável, e aí então numa conexão insondável com toda a existência. Assim como o lago tranquilo mergulha profundamente no manancial oculto, que nenhum olhar jamais viu, assim também se funda o amor de um homem, ainda mais profundamente, no amor de Deus. Se no fundo não houvesse um manancial, se Deus não fosse amor, então não existiria o pequeno lago, e absolutamente nenhum amor de um ser humano. Assim como o lago tranquilo se funda obscuramente no manancial profundo, assim também se funda o amor humano misteriosamente no amor de Deus

Nesse sentido, observa-se que, na filosofia kierkegaardiana, existe a concepção moral ligada diretamente com a concepção religiosa. O amor é um princípio fundante que órbita a crença em Deus e está relacionado com a interioridade subjetiva que se lança ao outro de forma compassiva. O amor de Deus exige a alteridade, guia o indivíduo desconhecido de maneira piedosa e fraterna. A ação humana deve ser livre de interesses escusos e estar fundamentada no esforço em relação ao próximo sem esperar recompensas, caso contrário estaríamos falando de um gesto egoísta. Nessa esteira, Kierkegaard compreende que um amor divino e eterno também acompanharia as qualidades do Absoluto. Isso significa que a alteridade do amor crístico seria essencialmente abnegada, desinteressada e incondicional: “[...] por isso só podemos nos assemelhar a Deus amando” (Kierkegaard, 2003, 68).

Por fim, o amor tem a função de buscar a comunhão com os outros, por conseguinte, o indivíduo está em constante relação consigo, com Deus e com o mundo, “[...] o ser humano deve ser amar primeiro, enfatizar a sua subjetividade e interioridade, e então, só a partir do reconhecimento, será possível alcançar a autenticidade e amar o outro corretamente” (Costa, 2023, p. 74). O sujeito singular, portanto, tem como tarefa buscar assemelhar-se a Cristo, que é, segundo Kierkegaard, um modelo de referência. Ao aceitar Cristo como a própria verdade, o indivíduo é livre para expressar sua subjetividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo abordar as fases existenciais da filosofia de Søren Kierkegaard. A tarefa proposta foi desafiadora, pois sua concepção existencial é desenvolvida em seu conjunto de obras, não atendo-se a um livro específico. Além disso, a filosofia do autor apresenta recursos estilísticos que complementam e explicam a construção existencial de suas ideias, como no caso do uso dos pseudônimos.

A subjetividade proposta por Kierkegaard contesta os poderes da razão, em virtude disso ele acaba por se afastar da filosofia hegeliana. A subjetividade kierkegaardiana está ligada ao “irracional” e não têm critérios objetivos. O que é subjetivo pertence aos fundamentos dos valores que o indivíduo segue e mantém comprometimento. A abordagem dos pseudônimos explica como o ser humano, em sua singularidade, vive com suas contradições. Com efeito, Kierkegaard encarava a pseudonímia como uma comunicação indireta e que objetivava ser um recurso teatral da existência. Assim, caberia ao leitor, ao entrar em contato com as complexidades dos estágios existenciais, desenvolver uma compreensão da multiplicidade da vida.

Dessa forma, pode-se afirmar que a filosofia de Kierkegaard é antissistemática e gira em torno da singularidade e liberdade. Ele considerou questões sobre o indivíduo como as mais centrais e decisivas de todas. A singularidade é importante porque evita que o homem se perca na multidão e não conheça a própria identidade. Consequentemente, a busca por autenticidade é uma forma de escolher a si mesmo. O sujeito, como ser social, não é reduzido aos ditames dos costumes da sociedade, ele também está condicionado a buscar a vida interior, visando descobrir-se.

Para Kierkegaard, no entanto, a existência somente é autêntica quando o indivíduo se sacrifica e se coloca perante Deus. Nesse caso, observa-se que o pensamento do autor coloca em questão a relação entre *finito* e *infinito*, ou seja, entre indivíduo e Deus. Para o pensador dinamarquês, o que importava era compreender a si mesmo. Compreender-se, para Kierkegaard, é tomar consciência das exigências absolutas de uma existência autêntica. Portanto, a existência autêntica está ligada ao transcendente e ao Absoluto. Com efeito, demonstramos no presente trabalho o percurso existencial destacado por Kierkegaard, são estágios que apontam para o modo de vida subjetivo do ser humano, a saber: o *estético*, o *ético* e o *religioso*.

Em face disso, no primeiro capítulo nos empenhamos em destacar as particularidade do estágio estético. De início, mostramos como Kierkegaard se apartou da filosofia da Hegel, pois considerava que o sistema hegeliano reduzia a existência humana a puros conceitos racionais. Como abordamos acima, o interesse da filosofia kierkegaardiana girava em torno das escolhas que o indivíduo fazia com base na liberdade que exercia. Para Kierkegaard, o sistema de Hegel suprimia a individualidade do existir e considerava que o indivíduo era pura subjetividade.

Por conseguinte, evidenciamos a importância do uso dos pseudônimos na filosofia de Kierkegaard. No caso do estágio estético, mostramos o personagem Johannes, cujo objetivo de Kierkegaard era salientar como uma vida voltada para o prazer era considerada vazia de significado, o esteta é classificado como escravo do imediato, um sujeito incapaz de comprometer-se e responsabilizar-se, pois é guiado pelos momentos aleatórios. Johannes deseja ser amado, mas o importante para ele são os prazeres e o efeito intenso destes. Tal comportamento do personagem é evidente na sua relação com Cordélia, pois seu apego estava em como seduzia a jovem e em como a mantinha cativa aos seus encantos. Portanto, o seu interesse estava centrado em despertar sensações na jovem Cordélia, mas sem manter qualquer compromisso com ela.

Sendo assim, sabe-se que Cordélia é vítima do prazer da sedução de Johannes. O interesse do sedutor não estava nela mesma, mas em mantê-la vulnerável a suas promessas românticas, tomando-lhe a liberdade. Entretanto, como observado no texto, o desespero toma conta do personagem Johannes, pois diante das muitas possibilidades irrealizáveis, existe a necessidade de compromisso e responsabilidade. A busca eterna por prazer o faz entrar em angústia, sem preocupações com valores morais, apenas a beleza o apraz. Mas não podendo alcançar o *infinito*, Johannes sente infelicidade e desespero, pois busca o que é inalcançável.

O prazer para o sedutor nunca será completo, sendo assim ele conviverá com uma desordem de si mesmo. O homem, nesse estágio, é preso à superficialidades e à materialidade, desenvolvendo em si um desespero. No mais, o esteta sente-se deslocado e anseia por conexões sólidas não somente com os outros, mas consigo mesmo. Por conseguinte, estando insatisfeito com sua forma de viver, o esteta almeja algo mais elevado, uma liberdade mais responsável. Logo, o indivíduo esteta caminha para o estágio ético, pois neste desenvolve princípios morais, não sendo mais escravo

do prazeres imediatos. Para tanto, destacamos a importância desse sujeito dar um salto existencial, isto é, considerar as ações e valores humanos e adequar-se às leis universais.

Por conseguinte, no segundo capítulo, voltamos nossa atenção para o estágio ético. Nesse sentido, mostramos como nesse momento existencial há uma busca por harmonia entre o interior e exterior. Nesse caso, o indivíduo ao invés de escolher os prazeres superficiais e mundanos, opta por uma adequação às leis e valores universais. O seu interesse está voltado em responder moralmente a um conjunto de padrões éticos. Ao contrário do esteta que fica preso no mundo das possibilidades, o sujeito ético pretende ter uma vida mais elevada, sendo devoto à família e ao trabalho. Além disso, nesse estágio é almejado o geral, ou seja, o *eu* do indivíduo procura efetivar um *eu* social.

Em virtude disso, compreendemos que embora haja um esforço em busca da autenticidade, esta não pode se realizar no estágio ético. Isso ocorre porque na medida que busca ajustar-se às regras morais, o indivíduo nesse momento existencial acaba por perder-se da própria identidade interior. As obrigações éticas atraem o homem para uma obediência ao dever concreto. O peso do universal o condiciona à coletividade e a uma responsabilidade e dever com o outro. No entanto, Kierkegaard entende que há no indivíduo ético um desespero, pois ele fica preso ao que é atemporal. Isso é explicado pelo fato de que, no modo de vida ético, os valores são inconstantes, não nascem na interioridade do sujeito, tudo é passageiro.

Consequentemente, concentramo-nos em evidenciar que Kierkegaard considerava Sócrates como grande exemplo de homem ético na história da filosofia. E isso deve-se a máxima do “conhece a ti mesmo”, pois representa devidamente o autoconhecimento necessário para se chegar até Deus. Além do mais, o filósofo dinamarquês entendia que a morte de Sócrates era um ato de dignidade e fruto da característica ética. Com o filósofo grego, a razão imperou como fundamento das normas e costumes morais.

Com efeito, o saber interior proposto pela máxima socrática converge para a descoberta universal da ética. Justamente por isso, Kierkegaard compreendia que, embora Sócrates tivesse dado contribuições para se entender a vida interior, ainda assim ele não tinha noção que o homem é um ser contraditório e ambíguo. Isso somente poderia ser superado a partir do salto para o estágio religioso.

No último momento da segunda parte do trabalho, dedicamo-nos em abordar o tema do matrimônio no estágio ético. Como exemplo desse estágio, Kierkegaard usa o personagem juiz Wilhelm, pois ele representa o homem de fé que resguarda os valores do matrimônio. O compromisso selado pelo casamento é uma forma do indivíduo realizar-se no geral, a partir dessa escolha resignada o sujeito é introduzido na realidade da vida. O matrimônio implica em um compromisso social e gira em torno de todos os aspectos da vida do homem.

No entendimento de Kierkegaard, a interioridade no casamento auxilia na manutenção da união, pois é por intermédio da interiorização que o amor no relacionamento supera as dificuldades. As lembranças são uma forma de reestabelecer o amor. Nesse sentido, o matrimônio também implica responsabilidade com o outro, ou seja, é uma superação do egocentrismo característico no estágio estético e também significa uma valorização da família. O filósofo dinamarquês, assim, almeja mostrar que o casamento é a realização do estágio ético, pois esse momento existencial significa o estabelecimento de valores e modalidades universais.

Dito isso, destacamos que, ao cumprir exigências do universal, o homem pode acabar se despersonalizando. Ao analisar a própria história e os erros que cometeu, o indivíduo se dá conta de sua subjetividade, levando-o ao arrependimento. Nesse caso, é necessário dar outro salto, o que o leva em direção à fé. O verdadeiro reconhecimento de si somente ocorre quando o *eu* se encontra perante Deus. É pela dimensão da fé que o homem encontra sua individualidade. Kierkegaard entende que a vida moral se encontra na impessoalidade das regras universais, pois o indivíduo no estágio ético perde sua singularidade e caminha para a massificação. Por isso, é preciso dar um salto para o estágio religioso, pois neste tudo é alheio às regras morais e pode-se ir em direção ao verdadeiro Absoluto.

Por último, no terceiro capítulo, voltamos nossa atenção para abordar o estágio religioso. Nesse momento existencial, Kierkegaard recorre ao entendimento cristão, pois é nele que o homem encontra o perdão e a salvação. A etapa religiosa perpassa os preceitos racionais, porque tudo está diretamente relacionado com o propósito arquitetado por Deus. Por conseguinte, é dessa forma que o indivíduo consegue ter uma existência autêntica, mas que está baseada na condição que é pela fé que conseguirá uma realização plena.

Nesse sentido, vimos que Kierkegaard faz uso da figura bíblica de Abraão para exemplificar esse estágio. O sacrifício realizado por Abraão, ou pelo menos a

obediência em seguir as ordens de Deus, evidencia que o dever universal característico na eticidade não está acima da fé divina. Ao oferecer o próprio filho, Isaque, em nome de um sacrifício maior, o cavaleiro da fé transpassa qualquer regra moral e racionalidade para cumprir a promessa feita a Deus.

Como destacado, Kierkegaard entendia que a obediência de Abraão dispensava qualquer explicação lógica, um exemplo perfeito da busca pelo *infinito*. Ao levar Isaque até o Monte Moriá, Abraão estava apenas interessado em cumprir o propósito de Deus, mesmo que isso implicasse sacrificar o próprio filho. Se observarmos a característica do estágio ético, vemos que tal atitude seria reprovada pelos valores sociais, sendo o cavaleiro da fé considerado um criminoso. Mas para Kierkegaard, esse ato representa o desapego aos costumes dos homens e aproximação com os desígnios divinos. Ele compreende que, o caminho da fé, é o que reconhece Deus como instância última, justamente por isso prega a superação do estágio ético. O homem no estágio religioso sabe que tem que renunciar ao que é *finito* e temporal, a intenção é manter-se no caminho de Deus e responsabilizar-se com as promessas divinas.

Por conseguinte, salientamos a importância da solidão e do silêncio para Abraão. Isso é explicado por Kierkegaard por causa da tarefa solicitada por Deus ao cavaleiro da fé. Abraão caminha sozinho porque o homem somente pode ser ele mesmo caso esteja perante Deus, na solidão de sua individualidade. A solidão e o silêncio são formas do cavaleiro da fé aproximar-se de Deus e reconhecer sua relação com o Absoluto. O filósofo dinamarquês entende que essas características são comuns a quem está na presença de Deus e de seu pedido, é uma forma de união com o divino.

Nesse sentido, vimos que a solidão seria uma forma de Abraão não se deixar levar pelas opiniões e olhares da sociedade. Os olhares do mundo não poderiam impedir a caminhada para realizar a tarefa divina. Por outro lado, o desespero para Kierkegaard está na concepção de que o homem não aceita mais se universalizar, ou seja, ele apenas se resguarda e obedece a Deus. O silêncio, então, é uma forma de distanciar-se da existência ética. A companhia de Abraão, defende Kierkegaard, é apenas de Deus e ele somente tem ouvidos para a linguagem divina. Sendo assim, a subjetividade do indivíduo se realiza na fé, pois é nesta que ele se resguarda na angústia. O cavaleiro da fé encontra apoio apenas em si mesmo e em Deus, e para Kierkegaard a relação com o divino consiste em um remédio para a natureza humana.

Na última seção do terceiro capítulo, abordamos a concepção de amor ligada à Deus e ao outro. Para Kierkegaard, o amor é fonte de todas as coisas e da vida espiritual. Tal sentimento edifica e auxilia o indivíduo a apropriar-se de valores éticos e religiosos. Como observado, o filósofo dinamarquês entendia que o amor estava diretamente ligado a uma ética cristã, no qual a subjetividade girava em torno de um dever com o próximo. Ademais, vimos que, para Kierkegaard, Deus implanta amor em cada ser humano, quando vemos outro, tal sentimento já está edificado pelo poder divino.

Ou seja, aquele que ama pressupõe que o amor está no coração do outro. Deus é o fundamento de todo esse sentimento. No mais, Kierkegaard compreende que, ao edificar-se, o indivíduo está na busca pela liberdade, e esta somente se realiza definitivamente pela doação ao outro. É uma forma de amor ao próximo, uma sentimento compassivo. Consequentemente, vimos que o filósofo dinamarquês entende que o amor verdadeiro consiste em colaborar para que outra pessoa ame a Deus, e a natureza interna deste sentimento se manifesta por meio de ações humanas, o que acaba por explicar a alteridade. Por fim, Kierkegaard entende que Cristo é um modelo a ser imitado, pois, ao agir com compaixão com o próximo, o indivíduo está realizando o amor divino. Assim, ao aceitar Cristo como a própria verdade, o sujeito está manifestando sua verdadeira subjetividade.

Encaminhando-nos para a finalização desta pesquisa, os estudos foram empreendidos tomando como fio condutor o seguinte problema: como a experiência existencialista da filosofia de Soren Kierkegaard é retratada nos estágios estético, ético e religioso? Sendo assim, vimos que o pensamento do autor dinamarquês e a forma como são apresentados, serve-nos de reflexão para pensarmos nossa própria experiência de vida. Embora seja necessário cautela para não cometermos anacronismos, os estágios existenciais kierkegaardianos são atuais e refletem, sob novos cenários, elementos que permeiam e circundam a vida do indivíduo contemporâneo.

Os estágios existenciais associados ao pseudônimos são modelos para o que homem contemporâneo possa refletir sobre a própria existência e considerar, a partir de uma leitura contextualizada, em que estado se encontra. Além do mais, são uma forma do indivíduo confrontar-se consigo mesmo, e peças de autoconhecimento que o podem levar a entender a própria subjetividade. Uma vez pontuados tais aspectos, vimos que a filosofia de Kierkegaard é importante para compreendermos o homem a

partir de uma noção individualizada, que vai além dos fundamentos racionais tão louvados em sua época. Nesse sentido, o recurso estilístico literário demonstra que o autor vislumbrava em sua filosofia uma “didática do viver”, levando o leitor a ter uma concepção dialética, ou seja, na medida em que conhece os personagens elaborados por ele, estabelece uma relação teórica e prática. Portanto, a tarefa que propomos neste trabalho possui uma perspectiva ampla, abordando a filosofia do ponto de vista existencial, mas deixando espaço para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jorge Miranda; VALLS, Alvaro L.M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 3ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução**. In: **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

COSTA, Thondason Dhonas de Jesus. **A concepção de ética no pensamento de Kierkegaard**. 2023. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. Disponível em: https://tede2.ufma.br/jspui/bitstream/tede/5093/2/Dissertacao_THONDASON_DHONAS_DE_JESUS_COSTA.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.

CRUZ, W. A. A. O desespero na filosofia de Søren Kierkegaard. **Revista Filoteológica**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 124–135, 2021. Disponível em: <http://www.revistafiloteologicafcfs.educacao.ws/index.php/RFTCF/article/view/24>. Acesso em: 22 fev. 2024.

DACOREGIO, Alexsandra Amorim. **Os modos de vida em Kierkegaard**. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103187/248837.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 fev. 2024.

ERICKSEN, L. Transições dos estádios da vida em Kierkegaard e suas perspectivas teológicas. **Veritas (Porto Alegre)**, [s. l.], v. 64, n. 1, p. e26674–e26674, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/26674>. Acesso em: 22 jul. 2024.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

FRANÇA, H. A.; MATTOS, D. Existência religiosa em Kierkegaard. **Revista Húmus**, [s. l.], v. 4, n. 12, 2015. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/3080>. Acesso em: 18 maio 2024.

FRANÇA, H. A.; SILVA, D. M. D. O modo de vida ético em Kierkegaard. **Revista Húmus**, [s. l.], v. 4, n. 10, 2014. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/2391>. Acesso em: 14 mar. 2024.

GIORDANI, M.C. **Iniciação ao existencialismo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GRAMMONT, Guiomar de. **Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Catedral das Letras, 2003.

KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**. Rio de Janeiro/Petropolis: Vozes, 2003.

KIERKEGAARD, Søren. **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KIERKEGAARD, Søren. **Os lírios do campo de as aves do céu, Três discursos piedosos**. Traduzido e editado por Henri Nicolai Levinspuhl. Primeira Edição: 2002.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. Trad. Álvaro L.M. Valls. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.

KIERKEGAARD, Søren. **O matrimônio**. São Paulo, Campinas: Editora Psy II, 1994.

KIERKEGAARD, Søren. **Ou-Ou: Um fragmento de Vida (Segunda parte)**. Tradução de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio d'água, 2017.

KIERKEGAARD, Søren. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa: Edições 70, 1986.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

NOGUEIRA, Simone Monteiro. **A pseudonímia como disfarce irônico das formas estéticas dos estádios estético e ético na obra Diário de um Sedutor de Kierkegaard**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estética e Filosofia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/9989>. Acesso em: 13 fev. 2024.

OLIVEIRA, André Luiz Holanda. **A noção de existência autêntica em Kierkegaard**. 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/6493/1/arquivo9009_1.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

ROSA, Luiz Carlos Mariano. Kierkegaard e a transformação do sujeito em si mesmo entre a vertigem da liberdade e o paradoxo absoluto da fé. **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 17, n. 1, jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/38712>. Acesso em: 27 mar. 2024.

REZENDE, Antônio. **Curso de Filosofia: para professores e alunos dos cursos de ensino médio e de graduação**. 15. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SALES, Talles Luiz de Faria. O estágio estético e o seu lugar na teoria kierkegaardiana dos Stádier. **VII Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP**, Vol. 5, 2012. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/filogenese>. Acesso em: 13 fev. 2024.

SAMPAIO, L. C. F. **A existência ética e religiosa em Kierkegaard**: continuidade ou ruptura? 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4776>. Acesso em: 7 fev. 2024.

SANTOS, R. G. dos. Reflexão sobre os estádios existenciais em Søren Kierkegaard. **Guairacá - Revista de Filosofia**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 95–116, 2017. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/5065>. Acesso em: 22 jul. 2024.

SCHMAELTER, Matheus Maia. **Tornar-se si-mesmo por meio da fé**: a existência religiosa em Søren Kierkegaard. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/17972>. Acesso em: 31 maio 2024.

SILVA, Adenilton Moisés. **A fé como pressuposto para conhecer Deus em Kierkegaard**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1237>. Acesso em: 31 maio 2024.

STRATHERN, Paul. **Kierkegaard em 90 minutos**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.